



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

AMANDA KELLE DE SOUSA FERREIRA

**AS PERSONAGENS NEGRAS EM *MEU CRESPO É DE RAINHA*, DE bell hooks E  
*MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*, DE ANA MARIA MACHADO: uma análise  
comparativa**

CATOLÉ DO ROCHA

2023

AMANDA KELLE DE SOUSA FERREIRA

**AS PERSONAGENS NEGRAS EM *MEU CRESPO É DE RAINHA*, DE bell hooks E  
*MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*, DE ANA MARIA MACHADO: uma análise  
comparativa**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

CATOLÉ DO ROCHA

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383p Ferreira, Amanda Kelle de Sousa.

As personagens negras em "*Meu crespo é de rainha*", de Bell Hooks e "*Menina bonita do laço de fita*", de Ana Maria Machado: uma análise comparativa [manuscrito] / Amanda Kelle de Sousa Ferreira. - 2023.

57 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Literatura comparada. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Representação. 4. Personagens negras. I. Título

21. ed. CDD B869.3

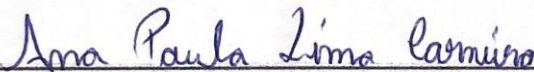
AMANDA KELLE DE SOUSA FERREIRA

**AS PERSONAGENS NEGRAS EM *MEU CRESPO É DE RAINHA*, DE bell hooks E  
*MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*, DE ANA MARIA MACHADO: uma análise  
comparativa**

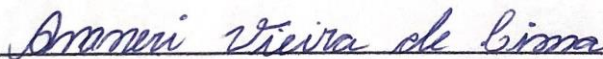
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora do Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em 29 / 11 / 2023.

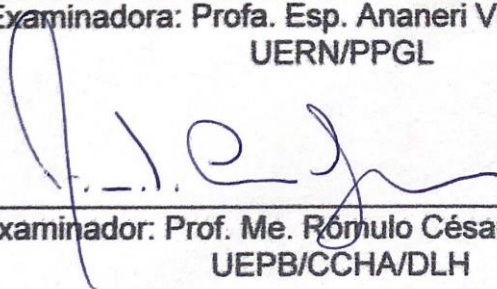
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro  
UEPB/CCHA/DLH



\_\_\_\_\_  
Examinadora: Profa. Esp. Ananeri Vieira de Lima  
UERN/PPGL



\_\_\_\_\_  
Examinador: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima  
UEPB/CCHA/DLH

*Aos meus pais que sempre foram símbolo de  
inspiração e força em toda a minha vida.  
Segundamente, a minha versão criança, aquela  
garotinha que necessitava dessa representação  
de personagens negros nas “historinhas” que lia  
para conseguir sentir-se representada.*

**Dedico.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço essa conquista, primeiramente, a **Deus**, por ter me dado forças para enfrentar tantos obstáculos que apareceram ao longo deste processo.

Aos meus pais, **Adanielia Matos de Sousa** e **Francisco Ferreira de Sousa**, por todo apoio emocional e financeiro que me proporcionaram ao longo desses cinco anos, e por sempre terem acreditado em mim, sem eles eu não teria chegado até aqui, eles são minha base e inspiração de vida.

A minha orientadora, **Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro**, pela oportunidade de ser sua orientanda, mesmo estando lotada de orientandos. Obrigada por toda ajuda, paciência e compreensão que sempre teve comigo e por todo conhecimento que me transmitiu ao longo da construção desta monografia, você é um ser incrível.

Aos professores do curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *campus* IV, por terem transmitido tantos conhecimentos que levarei para toda a minha vida, tenho um carinho especial por todos que passaram nesta minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos e companheiros de apartamento, curso e de vida, **João Victor**, **Maria de Fátima** (Kaká), **Gisele**, **Lohana** e **Karol**, por todo apoio, carinho, paciência e cumplicidade ao longo de todos esses anos, obrigado por sempre estarem ao meu lado e compartilharem todo esse processo junto comigo, com eles, tudo se tornou mais leve.

À banca examinadora, por contribuírem com seus ensinamentos que agregaram na avaliação desta monografia, como também agradeço por terem aceitado participar da minha banca e pela disponibilidade.

*“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.”*

*(Angela Davis)*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar a representação das personagens negras nas obras *Meu crespo é de rainha* (1999), de bell hooks e *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado. O trabalho aborda o quanto as personagens negras são representadas e exaltadas em ambas as obras, evidenciando a necessidade e a importância dessa representação em livros infantis, já que os personagens negros raramente são vistos como protagonistas das histórias, muito menos inseridos nestes gêneros. Portanto, a beleza das garotas afrodescendentes é constantemente debatida e exaltada neste estudo, no qual busca resgatar e reforçar o orgulho que os leitores negros, principalmente, as leitoras, irão ter à partir do momento em que se sentem confiantes, ao se depararem com obras como estas, que representam e respeitam suas identidades. Além disto, este estudo introduz o que une e o que diferencia ambos os livros, para analisar os fatores que estarão presentes nesta análise comparativa. Assim, a pesquisa de literatura está constantemente incluída neste estudo, tanto a literatura comparada, como a literatura infantojuvenil, se fundamentando desse modo, em teóricos como Carvalhal (1997), Nitrini (1998), Mello (1996), Luna (2012), Cademartori (2010), entre outros autores que colaboraram para a fundamentação desta monografia. Por fim, esta pesquisa focou em trazer de volta a autoestima das leitoras negras, fazendo com que o atual estudo influencie para a construção de novas obras, que representem a personagem negra na literatura como forma de exaltação da sua beleza e de suas verdadeiras identidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura comparada; Literatura Infantojuvenil; Representação; Personagens negras.



## ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the representation of black characters in the works *Meu crespo é de rainha* (1999), by bell hooks and *Menina bonita do laço de fita* (1986), by Ana Maria Machado. Thus, the current monograph addresses how much black characters are represented and exalted in both works, evidencing the need and importance of this representation in children's books, since black characters are rarely seen as protagonists of stories and much less inserted in these genres. Therefore, the beauty of Afro-descendant girls is constantly debated and exalted in this study, in which it seeks to rescue and reinforce the pride that black readers, especially female readers, will have from the moment they feel confident when they come across works like these, which represent and respect their identities. In addition, this study introduces what unites and differentiates both books, in order to analyze the factors that will be present in this comparative analysis. Thus, literature research is constantly included in this study, both comparative literature and children's literature, based on theorists such as: Carvalhal (1997), Nitri (1998), Mello (1996), Luna (2012), Cademartori (2010), among other authors who collaborated to support this monograph. Thus, this research focused on bringing back the self-esteem of black readers, making the current study influence the construction of new works, which represent the black character in literature as a way of exalting their beauty and their true identities.

**KEYWORDS:** Comparative Literature; Children's Literature; Impersonation; Black characters.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	<i>A menina bonita e o coelho</i>	42
FIGURA 02	Ilustrações de garotas arrumando seus cabelos	45
FIGURA 03	A personagem negra	48
FIGURA 04	A menina negra	48
FIGURA 05	A personagem com sua mãe	49
FIGURA 06	A mãe da garota enfeitando seu cabelo	50
FIGURA 07	O coelho no pé de jabuticaba	52
FIGURA 08	Ilustrações de meu crespo é rainha	53

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>LITERATURA INFANTOJUVENIL</b>	<b>15</b>
2.1	A PERSONAGEM FEMININA NEGRA: AUSÊNCIA E PRESENÇA	20
2.2	ANA MARIA MACHADO	25
2.3	A ESCRITORA bell hooks	27
<b>3</b>	<b>A LITERATURA COMPARADA</b>	<b>31</b>
3.1	DA ORIGEM À CONTEMPORANEIDADE	31
3.2	CONCEITOS FUNDAMENTAIS E CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA COMPARADA	34
<b>4</b>	<b>AS PERSONAGENS NEGRAS EM <i>MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA</i> E <i>MEU CRESPO É DE RAINHA</i></b>	<b>39</b>
4.1	<i>MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA</i> , DE ANA MARIA MACHADO	39
4.2	<i>MEU CRESPO É DE RAINHA</i> , DE bell hooks	42
4.3	AS PERSONAGENS NEGRAS NAS FRONTEIRAS DA LITERATURA COMPARADA	46
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na realização da análise comparativa, levamos em consideração alguns conceitos importantes que permeiam esse âmbito, tanto da literatura comparada quanto da literatura infantojuvenil. Esses conceitos são quesitos necessários para comparação das obras infantis que aqui serão analisadas, envolvendo, nesta pesquisa, características sociais e literárias que serão comparadas no decorrer deste estudo, contribuindo de maneira significativa para os pesquisadores da área da literatura comparada e infantojuvenil.

Sabemos que a literatura infantojuvenil é uma das mais importantes no preparo de crianças e pré-adolescentes para o mundo da leitura, pois é, a partir dela, que o público infantil inicia sua vida como leitores, possuindo suas primeiras experiências com os livros e com o mundo da imaginação. Logo, a literatura infantojuvenil não contribui somente para a formação leitora do aluno, mas também para vida acadêmica e pessoal dele, fazendo com que as crianças e adolescentes criem gosto pela literatura e se tornem seres pensantes, críticos, criativos e, principalmente, com um nível de vocabulário ampliado, o que contribui para a compreensão do mundo.

Nesse sentido, Ana Maria Machado é bastante conhecida no campo da literatura infantojuvenil, com mais de cem livros publicados, além do livro de *Menina bonita do laço de fita* (1986). Ana Maria é escritora e jornalista, sendo a primeira autora do campo da literatura infantil a participar da Academia Brasileira de Letras. Além disso, ganhou inúmeros prêmios, entre eles, o Hans Christian Andersen (2000), o mais prestigioso prêmio internacional para escritores de livros para jovens e crianças, Ana Maria Machado ganhou também o Prêmio Machado de Assis (2001), o maior dos concedidos pela Academia Brasileira de Letras.

No mesmo patamar, Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo seu pseudônimo bell hooks, autora estadunidense, também contemplada neste estudo; foi uma professora, autora, teórica feminina, artista e ativista antirracista, conhecida por ter lutado por inúmeras causas sociais e raciais, entre elas, o racismo, ponto bastante debatido na maioria de suas obras. A escritora ainda é considerada uma pessoa bastante crítica. Sendo assim, bell hooks publicou mais de 30 livros, além da obra *Meu crespo é de rainha* (1999). Seu pseudônimo foi criado em homenagem a sua avó Bell Blair Hooks. Além disso, o motivo de seu nome estar todo em minúsculo, era

porque ela queria que prestassem atenção em suas obras e no que ela defendia, e não em sua pessoa.

Desse modo, *Meu crespo é de rainha* (1999) e *Menina bonita do laço de fita* (1986) são obras que trazem garotas negras como protagonistas das histórias, exaltando a beleza delas em seus enredos. Os dois livros desconstróem um estereótipo único de beleza e exploram a diversidade, saindo de um padrão, em que apenas meninas brancas eram enaltecidas e vistas como símbolo único de beleza, fazendo com que o perfil das garotas negras fosse inferiorizado.

Nessas obras, as autoras dão vez e voz às personagens negras que estiveram invisíveis por tanto tempo. Em *Menina bonita do laço de fita* (1986) e *Meu crespo é de rainha* (1999), Ana Maria Machado e hooks, respectivamente, somaram na recuperação de identidades dos povos afrodescendentes, buscaram aplicar mecanismos que ajudassem a combater o racismo e, principalmente, contribuíram para a luta de um dia acabar com esta referência única de beleza.

Sabemos que o racismo é uma das principais causas debatidas no mundo, principalmente, pelo longo processo histórico em torno dele, gerando uma inferiorização na sociedade entre negros e brancos. Os privilégios foram dados aos brancos e o esquecimento a população negra, que sofreu e vive sofrendo, desde de muito tempo, com fatores envolvendo a escravidão, exclusão e o desrespeito. Logo, essa exclusão não seria diferente na literatura, visto que os escritores eram quase sempre homens brancos e os protagonistas de suas histórias eram pessoas brancas, idealizando esses estereótipos, como os personagens mais belos de suas obras. Por outro lado, os personagens negros sempre eram descritos como escravos, empregadas domésticas, moradores de rua ou até amantes, entre outros aspectos, que causava um desconforto nos leitores negros, que não se sentiam representados.

Um exemplo disso é a literatura infantojuvenil, em que crianças e adolescentes, ao lerem determinadas obras, como por exemplo, os contos de fadas, que sempre foram ilustrados por belas princesas e príncipes encantados e sempre representadas por pessoas brancas, gerando uma não identificação a respeito do leitor negro, causando uma distorção da sua imagem e a não aceitação da sua cor.

A partir desse pensamento, nos perguntamos: Como as personagens negras são representadas em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado e *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks? Qual a importância da representação das

personagens negras na Literatura Infantojuvenil? Quais as aproximações e distanciamentos entre *Menina bonita do laço de fita* e a obra *Meu crespo é de rainha*?

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a representação das personagens negras nas obras *Meu crespo é de rainha* (1999), de bell hooks e *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado. Além disso, este estudo também irá comparar as características de ambos os livros, no sentido de compreender a importância da representação das personagens negras na literatura infantojuvenil. Contudo, a análise da exaltação da beleza negra nas duas obras também é um dos objetivos desse estudo, no qual incentivará e representatividade de quem tanto foi excluído. Logo, os livros *Menina bonita do laço de fita* (1986) e *Meu crespo é de rainha* (1999) vêm explorando essa diversidade esquecida por muito tempo, trazendo de volta a autoestima de garotas negras e mostrando o quão lindas elas são.

Dentro dessa linha, a presente pesquisa explora as ancestralidades e enaltece as verdadeiras identidades das personagens, fazendo com que os leitores sintam orgulho de sua cor e dos seus traços negros. Para que possamos observar a importância dos personagens negros na literatura, servindo como inspiração para muitos, quando leem obras como essas e se depararem com pessoas semelhantes a eles sendo exaltados e representados.

Nesse sentido, a leitura para construção dessa monografia tem como base os teóricos, como Carvalho (1997); Nitri (1998); Mello (1996); Luna (2012); Cademartori (2010). Entre outros autores que também contribuiu significativamente para a produção desta pesquisa, auxiliando na comparação dos traços das personagens negras para que a figura do negro seja reconhecida e representada na literatura comparada e na infantojuvenil.

Posto isto, essa pesquisa está dividida em três capítulos, sendo que o primeiro deles é a introdução que irá apresentar de maneira sucinta tudo que aqui está exposto; o segundo capítulo está intitulado como "Literatura infantojuvenil" e contém três subtópicos, em que discutimos aspectos históricos da literatura infantojuvenil, a ausência e presença das personagens femininas negras e sobre as autoras; o terceiro capítulo contém dois subtópicos e discutiremos sobre a literatura comparada, sua origem, contemporaneidade, os conceitos fundamentais e a análise comparativa; o quarto capítulo aborda as personagens negras em *Meu crespo é de rainha* e *Menina*

*bonita do laço de fita*. O capítulo está dividido em três subtópicos, em que abordamos a análise de ambas as obras, logo abordamos também acerca das personagens negras nas fronteiras da literatura comparada; por fim, no último capítulo, está inserido as considerações finais, mostrando quais foram os resultados obtidos a respeito deste atual estudo e as considerações acerca da construção desta monografia.

## 2 LITERATURA INFANTOJUVENIL

A literatura infantojuvenil é uma área destinada para crianças e adolescentes, sendo, geralmente, designado entre uma faixa etária, que vai desde o nascimento até a adolescência destes jovens leitores. Logo, a literatura infantojuvenil busca proporcionar histórias apropriadas e aconchegantes para estes menores, visando estimular o desenvolvimento pessoal deles, o intelectual e, principalmente, o emocional. Assim, ao mesmo tempo em que estão entretidos, vão se adaptando e introduzindo-se ao mundo emocionante da leitura. Para Luna (2012):

A literatura infanto-juvenil é um ramo da literatura dedicada especialmente às crianças e aos jovens adolescentes. Nisso se incluem histórias fictícias infantis e juvenis, biografias, novelas, poemas, obras folclóricas e/ou culturais, ou simplesmente obras contendo/explicando fatos da vida real [...] naturalmente o conteúdo, dentro de uma obra infanto-juvenil, depende da idade do leitor. Enquanto obras literárias destinadas a crianças de dois a quatro anos de idade são, quase sempre, constituídas de poucas palavras e muito coloridas ou com muitas imagens e fotos, obras literárias destinadas ao jovem adolescente, muitas vezes, contêm apenas texto (Luna, 2012, p. 7).

Contudo, sabemos que a literatura infantojuvenil é uma área da literatura que busca transmitir a importância da prática da leitura para as crianças e adolescentes. Ela está inserida na fase em que os leitores estão, ainda, a aprenderem a ler, e a lidarem com o uso e os sentidos das palavras. Caldin (2003) afirma o seguinte:

A função social da literatura é facilitar ao homem compreender – e, assim, emancipar-se - dos dogmas que a sociedade lhe impõe. E isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá que se concentrar na infância para atingir esse objetivo (Caldin, 2003, p. 5).

Oliveira e Palo (2006, p. 9) afirma que: “desde os primórdios, a literatura infantil surge como uma forma literária menor, atrelada à função utilitário-pedagógica que a faz ser mais pedagogia do que literatura”. Observamos que essa literatura foi criada para ajudar a criança aprender a escrever corretamente, pois os educadores precisavam de algum incentivo que chamasse atenção destes menores, assim surgiu a literatura infantil.



Dessa forma, através desta leitura, começava a surgir também o uso da imaginação, tornando-os diante disto, seres pensantes e críticos, auxiliando na ampliação de seus vocabulários. Ligia Cademartori (2010) acrescenta o seguinte:

É como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências, que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura do mundo. Mas, não foi movida pelo reconhecimento desse potencial que a escola, inicialmente, voltou-se para a literatura infantil. A educação formal passou a valorizar essa produção com vistas a interesses mais imediatos. Viu nela bom instrumento do ensino da língua, modo de ampliar o domínio verbal dos alunos. Acreditava-se no slogan “quem ler, sabe escrever (Cademartori, 2010, p. 8).

É importante frisar que a literatura infantil ou infantojuvenil não existe desde de sempre, e sua origem não está envolvida com o mundo da literatura em si. A sua criação se deu, primeiramente, a fins pedagógicos, pois a escola viu a necessidade de criar algo interessante para os alunos e que, ao mesmo tempo, ajudasse-os com o desenvolvimento destes na escrita, no conhecimento da gramática, na ampliação de seus vocabulários e na oralidade, entre outros aspectos. Assim, a literatura infantil foi criada, mas só vieram reconhecer sua importância tempos depois. Lajolo (1993) ainda acrescenta:

É essencial, por exemplo, compreender que a literatura infanto-juvenil é um produto tardio da pedagogia escolar: que ela não existiu desde sempre, que, ao contrário, só se tornou possível e necessária (e teve, portanto, condições de emergir como gênero) no momento em que a sociedade (através da escola) necessitou dela para burilar e fazer cintilar, das dobras da persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e bons costumes (Lajolo, 1993, p. 22).

Logo, este cenário mudou, e o que antes era visto apenas com fins pedagógicos e tratada como irrelevante, hoje, é uma necessidade dentro do ensino infantil. Com o passar do tempo, foi visto o quanto importante é a literatura infantil e o efeito positivo que ela fornece acerca da aprendizagem do aluno, já que estimula a leitura desde de cedo, pois o mundo da literatura, quando encarado desde dos anos iniciais, gera frutos de uma educação de qualidade. Assim,

A importância de aproximar as crianças dos livros de literatura infantil é hoje praticamente um consenso. A sociedade absorveu a ideia que, décadas atrás, era ainda objeto de pregação. Eram feitos esforços de convencimento para que pais e professores promovessem, entre os pequenos, a leitura de bons livros. Hoje reflexões a respeito do assunto envolvem estudantes e

estudiosos na produção de ensaios, dissertações, teses, que discutem diferentes aspectos da literatura infantil e contam com poder de irradiação (Cademartori, 2010, p. 9).

O processo de descoberta e aceitação da literatura infantil ganha bastante relevância com o passar do tempo e, com isso, chega dando visibilidade não somente na área da educação, como também no mercado. Essa área da literatura ganha respaldo, gerando o interesse e a curiosidade das pessoas para ler as obras infantis que tanto falam. Com isso, os autores decidem não só escrever livros da literatura infantil, como também vendê-los no mercado, iniciando a expansão da produção destes livros. Barros (2013) aborda que:

Esse processo aperfeiçoa a tipografia e a expansão da produção de livros, o que inicia o estreito laço entre a literatura e a escola. Produto da industrialização, o livro surge visando um mercado específico cujas características respeitam posturas pedagógicas e afirma valores burgueses a fim de assegurar sua utilidade. E a literatura surge, a partir dessas grandes transformações, na ordem sócio-política e econômica (Barros 2013, p. 16).

De acordo com Barros (2013), no Brasil, essa aprovação da importância dos livros infantis, aconteceu após os resultados positivos que obteve, depois de usá-los como recursos pedagógicos. Além disso, as obras infantis ajudaram as crianças com os bons modos para a convivência em sociedade. Portanto, os livros infantis foram vistos como uma maneira de impor padrões e valores morais para as crianças.

Nesse contexto, um dos principais autores que se destacou no Brasil, nesse campo da literatura infantil, foi Monteiro Lobato. Em 1921, o autor lançou *Narizinho Arrebitado*, sendo esta, uma obra que foi utilizada pela rede das escolas públicas e obteve excelentes resultados acerca do entendimento dos alunos e de seus desempenhos escolares. Por isso, outras histórias, como o *Sítio do Pica Pau Amarelo* (1997), também foram introduzidas neste estudo da literatura infantil. A professora Suely Dulce de Castilho (2004) acrescenta o seguinte:

No Brasil, Monteiro Lobato foi o precursor da Literatura Infanto-Juvenil. Foi um escritor brilhante que emocionou gerações. Inovou em suas narrativas dando às crianças iniciativas criadoras, irreverência, amor, compromisso, com a invenção e com a liberdade, direito ao questionamento, revelou suas inquietações, enfim, humanizou as crianças através dos personagens (Emília, Pedrinho, Narizinho) e levou ao conhecimento das crianças uma visão política do Brasil (CASTILHO, 2004, p.41).

Perante Coelho (2000, p. 225), Monteiro Lobato foi um divisor de águas na história da literatura infantil, pois fez algo do passado imergir no presente, ele quem definiu os primeiros fundamentos, encontrando o caminho que a Literatura Infantil estava precisando, deixando de lado o passado e abrindo portas para as novas ideias que o século exigia. Logo, ele foi o precursor que inovou e deu uma nova cara para a literatura infantil no país, não há quem fale dessa literatura e não se lembre de Lobato, já que a maioria de suas obras, eram destinadas para as crianças.

Conforme afirma Cademartori (2010), após a introdução do livro infantil no mercado, a literatura infantojuvenil começa a ganhar força e visibilidade, atraindo autores importantes e renomados da literatura. Assim, críticos e ficcionistas contemporâneos, também começaram a escrever para as crianças, como é o exemplo de Ian McEwan, que é autor de *O sonhador e Rose Blanche*; Toni Morrison, de *The big box*; Mia Couto, que escreveu *O gato e o escuro*; José Saramago foi autor de *A maior flor do mundo*, entre outros autores internacionais que tiveram referência nesta literatura.

No Brasil, os escritores que tiveram participação nesse ramo da literatura infantojuvenil foram escritores como Henriqueta Lisboa, Raquel de Queiroz, Mario Quintana, Érico Veríssimo, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Cecília Meireles, entre outros, que marcaram a infância e adolescência dos brasileiros com suas obras. Além destes, temos outros exemplos de livros e autores clássicos da literatura infantil que são, respectivamente, *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll; *O Pequeno Príncipe* (1943), de Antoine de Saint-Exupéry, ainda tem os contos de fadas dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen, entre outras obras que como estas, que marcaram a infância de inúmeras crianças. Ainda mais, a literatura infantojuvenil está em constante evolução e mudança, de modo que muitos autores contemporâneos, estão ainda a produzirem obras inovadoras e interessantes para essa nova geração de leitores que estão por vir.

Desse modo, fica explícito que a literatura infantil ou infantojuvenil, é uma área destinada, especialmente, às crianças e aos adolescentes. Este campo da literatura abrange uma vasta variedade de textos de diferentes gêneros, como por exemplo, as histórias em quadrinhos, livros, gibis, contos, poemas, fábulas, entre outros. Logo, estas histórias foram criadas pensando nesses menores de diferentes faixas etárias. Assim, o principal objetivo desta literatura é entreter os menores e educá-los,

estimulando não somente o desenvolvimento cognitivo deles, como também o emocional. Para Coelho 2000:

Literatura infantil, é antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (Coelho, 2000, p. 27).

Nessa lógica, a literatura infantil direciona seus textos, especialmente, para o público infantil. Além disso, ela se preocupa ainda com a necessidade de cada leitor, fornecendo para eles, o que cada um realmente necessita e procura. Isso diz respeito de acordo com a idade, a série e, principalmente, o nível de conhecimento prévio que possuem sobre determinadas obras literárias. Cademartori (2010), acrescenta que:

A literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor. A idade deles, em suas diferentes faixas etárias, é levada em conta. Os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou. Assim, o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades (Cademartori, 2010, p. 16).

Nesse sentido, é fundamental frisar que as crianças não possuem conhecimento acerca da literatura infantil apenas quando estão lendo, elas se introduzem no mundo da leitura, a partir do momento que alguém ler para elas uma história do livro ou sobre determinado assunto, pois só de escutarem, elas se familiarizam com as palavras e o sentido do texto. Esse processo é importante para suas vidas como leitores iniciantes, possuindo um conhecimento prévio e gerando um estímulo para a leitura. Porto e Porto (2012) aborda o mesmo:

A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real. Pode, a partir de uma experiência relatada na história, identificar-se com a situação narrada, compreender melhor o universo em que se situa, refletir sobre a história ficcional que pode se aproximar da realidade vivida. Nessa interpretação das histórias contadas, é importante o papel desempenhado pelo contador para que haja de fato estimulação à leitura e prazer ao se ter contato com a narrativa (Porto e Porto, 2012, p. 19).

Este cenário precisa ser mudado, visto que muitos professores e pais destes alunos, não possuem o interesse de ajudar com a criança, principalmente, com o

estímulo da leitura, sendo um fator imprescindível para o aluno desenvolver inúmeras habilidades, inclusive o ato de interpretar.

## 2.1 A PERSONAGEM FEMININA NEGRA: AUSÊNCIA E PRESENÇA

A princípio, antes de abordar acerca das personagens femininas negras, é importante introduzir a respeito do personagem em si. Para Cândida Vilares (2006, p. 10): “a personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação”. Assim, o personagem é responsável pelo desenrolar de toda a trama. Defina (1975) também resume o que seria o personagem:

Anote-se ainda, que o termo personagem é uma especificação ou derivação de pessoa. Já o sufixo age aponta o coletivo, como em folhagem, plumagem, camaradagem. Personagem, pois, tipifica, personifica, coletiviza vários tipos de pessoas, considerando-as numa só, que as representa (Defina, 1975, p. 90).

Portanto, é importante mencionar que os personagens são os indivíduos que participam da trama e desempenham papéis específicos na história. Eles podem ser humanos, animais, seres fantásticos, ou até mesmo objetos personificados, dependendo do contexto da obra. Dessa forma o personagem sempre vai ser uma invenção do autor, por mais que ele pareça ser real, até mesmo quando dizem que alguns personagens são baseados em uma pessoa ou em algo, ainda assim, existe algo que foi alterado e inventado. Souza (2005, p. 25), acrescenta:

É importante salientar que as personagens não correspondem a pessoas vivas, mas os autores utilizam-se de dados observados em personagens da vida real para dar vida às personagens da ficção. O romance também não reproduz fielmente a realidade. O autor se apropria de fatos e locais para denunciar, avisar e incitar o leitor (Souza, 2005, p. 24).

Nessa lógica, existem várias formas do autor abordar o personagem na história, seja no início do enredo de forma imediata, descrevendo todo o seu perfil de “cara”, ou de maneira evolutiva, descrevendo, aos poucos, ele e suas características, no decorrer da trama. Para Ganho (2006) o personagem faz parte da história, porém,

só pode ser considerada como personagem, se caso ele participar completamente do enredo. Por outro lado,

As personagens podem receber diferentes classificações. Conforme o papel que desempenham, podem ser protagonista – personagem principal, antagonista – o opositor do protagonista, secundário – personagens de participação menor na história. De acordo com a caracterização, as personagens são divididas em planas e redondas. Planas são personagens com pequenos atributos e dividem-se em tipo e caricatura. Tipo é aquela que carrega características peculiares de um grupo. Caricatura é uma personagem de características fixas e ridículas. Ainda quanto à caracterização, as personagens podem ser redondas, ou seja, possuem um número maior de características consideráveis (física, psicológica, social, moral, ideológica). A complexidade ou não de uma personagem depende muito do desenrolar da história, das tramas em que se envolvem e de criatividade do autor (Souza, 2005, p. 22-23).

É através da personagem que se desenvolve o enredo. Segundo Gancho (2006), é “o conjunto dos fatos de uma história”. A personagem em si, fica responsável pela reação do leitor que, em muitos casos, sofre, como também se alegra no decorrer da trama, de modo que ele sente e presença e à ação de cada personagem da história.

No entanto, não há como falar de personagens sem abordar acerca dos personagens infantis, criados para entreter e chamar a atenção das crianças, educá-las, ensinando-as a terem bons modos e repassando mensagens educativas para estes menores. Os personagens infantis são encontrados, geralmente, em inúmeros lugares, principalmente, em livros, dentro de algumas das histórias em quadrinhos e gibis, nos desenhos animados, em séries e filmes e programas de televisão destinados para as crianças.

Ao abordar sobre os personagens infantis, relembramos tudo o que envolve a criança e o seu mundo. Logo, infelizmente, notamos uma problemática ainda existente atualmente, o racismo. Ao analisarmos a maioria dos personagens infantis, percebemos que eles são representados, em grande parte, por protagonistas brancos, sempre descritos como os mais belos do enredo.

Ao contrário dos personagens negros, sempre apresentados como seres menosprezados e irrelevantes nas histórias, principalmente, quando se trata da mulher, a comparação é notável, pois enquanto sua cor de pele e seus cabelos são menosprezados na trama, as personagens brancas são exaltadas, descritas com os

cabelos mais belos, e sempre representadas como rainha e princesas, o que ocasiona aos leitores, a definição do bonito e feio.

Portanto, seja hoje ou no passado, o cabelo para os afrodescendentes sempre foi símbolo de força, representação, principalmente, para as mulheres, acima de tudo, identidade. Mas, devido ao grande processo de marginalização e repressão sofrido desde dos primeiros séculos de escravidão, perderam-se, de certa forma, o orgulho sobre ele, afinal como orgulha-se de algo quando toda uma estrutura te faz acreditar ao contrário?

Desde os primeiros anos de colonização, é sabido que foi instaurado toda uma cultura eurocêntrica nos países colonizados, e isso se diz respeito à cultura, moda e, acima de tudo, a beleza. Surgia daí a construção de um estereótipo que não condizia com a metade da população de um país, que são os povos afrodescendentes.

Deste modo, a mídia e o comércio trabalhavam para a instauração desse padrão, excluindo aqueles que não se encaixavam. Nessa lógica, o racismo não seria diferente na literatura, pois essa pauta abrange, principalmente, as personagens, pois raramente é vista a beleza negra sendo exaltada na trama, ao contrário da personagem branca, que é colocada nas histórias como mais belas, doces, e outras inúmeras características positivas que lhe atribuem, enquanto a personagem negra sempre sai o menos reconhecido, admirado e favorecido nos enredos dessas histórias. Assim, para Luciana e Katia (2011):

A ausência de personagens negros ou a sua marginalização nas histórias infantojuvenis acarreta, de fato, sérias consequências no imaginário do educando, criando uma realidade distorcida e preconceituosa, contribuindo, assim, para a sustentação de uma ordem social desigual. Somente na década de 80, ocorre uma mudança nesse lamentável quadro que tantos malefícios trouxe para a formação das crianças e jovens brasileiros. Surgem, nesse momento, determinados livros com novas propostas, cujo objetivo central é, exatamente, romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando suas tradições e também o seu aspecto físico (Silva; Silva, 2011, p.7).

Dessa forma, um exemplo desta exclusão dos personagens negros na literatura, se dá através dos escritos de um autor renomado nessa área da literatura infantil, Monteiro Lobato. Apesar de ele ter criado inúmeras obras famosas e destinadas para o público infantil, Lobato deixa rastro do seu racismo em trechos de suas obras, foi o que aconteceu no livro *Memórias da Emília* (1936). Ele faz referência a personagem negra "Tia Nastácia", em grande parte da obra, com racismo, com

termos como “Negra beijuda”, “nariz chato”, “beijão todo”, o que reforça ainda mais a tese da negrofobia do autor. Assim,

Monteiro Lobato faz referência à Tia Nastácia, em grande parte das suas obras, com preconceito. Ela aparece sendo discriminada e sem cultura. Nas obras, as histórias contadas por ela são, inclusive, consideradas pelos outros personagens do Sítio como de mau gosto. Outros personagens também são vítimas de preconceito e passam a integrar o paradigma de tudo o que é ruim, errado e incapaz. Esses aparecem com menos frequência como é o caso do Saci, coadjuvante de Pedrinho, que encarna todos os vícios que as crianças não podem ter, ou do Tio Barnabé, que, ao longo das histórias de Lobato, é relegado a papéis secundários (Silva; Silva, 2011, p. 6).

Essa trama reforça ainda mais ideia da não representação dos personagens negros na literatura infantojuvenil, pois os personagens afrodescendentes, como a Tia Nastácia, o Saci, Tio Barnabé, são descritos e comparados na história a figuras e aspectos negativos na sociedade, gerando para as crianças negras, enquanto leitoras, a frustração e a não identificação de sua cor, e para as crianças brancas um desejo de superioridade. Ainda mais,

Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua “raça”, por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra (Castilho, 2009 b, p. 09).

Isso ainda é visto como um problema na sociedade e, apesar de algumas evoluções diante da temática do racismo, muito ainda precisa ser mudado, principalmente, quando se trata da infância, pois é neste período que a criança molda seu pensamento e caráter.

No entanto, muito já se evoluiu atualmente, graças a luta do movimento negro, iniciado nos anos de 1960, nos Estados Unidos, especificamente, a partir do movimento “Black is beautiful” (em português, negro é lindo). Esses conceitos de beleza foram sendo desconstruído e essas pessoas começaram se enxergar também como pessoas bonitas e o cabelo voltou a ser visto como forma de encontrar e expor sua identidade, Gabriel Santos (2021) aborda o seguinte na página *esquerda online*:

A primeira vez que alguém gritou “Black is Beautiful” foi, supostamente, no ano de 1968, na cidade de Boston nos Estados Unidos. A frase teria vindo de



um discurso feito por John Swett Rock, um abolicionista negro, professor, médico e advogado. Logo, esse grito entalado na garganta se tornou uma bandeira da luta antirracista e por direitos civis na década de 1960. O Black is Beautiful veio junto do Black Power (Santos, 2021, s/p).

Aos poucos, este cenário está sendo transformado, e o negro sendo visto como fonte de beleza e representação, tanto na literatura como na sociedade. Um exemplo dessa representatividade negra, é o recente lançamento do filme “A Pequena Sereia”, (Disney, 2023), que trouxe a personagem negra como a principal da história. Temos “A princesa e o sapo” (Disney, 2009), exaltando uma princesa negra em sua trama; “Pocahontas” (Disney, 1995); “Moana” (Disney, 2016), entre outros filmes. Todos esses filmes são ilustrados com protagonistas negras sendo exaltadas e reconhecidas, uma referência importante e histórica para as vidas de meninas negras, que, ao assistirem estes filmes, sentem-se representadas por estas personagens femininas.

No cenário da literatura infantil também houve uma enorme evolução, hoje, felizmente também existem obras reconhecidas, que são dedicadas às crianças com o intuito de ressaltar a beleza dos personagens negros e combater o racismo, valorizando o respeito a identidade de cada um, como é o caso de alguns livros como: *Menina bonita do laço de fita* (1986); *Meu crespo é de rainha* (1999); *As tranças de minha mãe* (2018); que valorizam a beleza das personagens negras; como também tem *O pequeno príncipe preto* (2020); *O menino marrom* (1986); *Amoras* (2018), que retratam também a representação de personagens negros em seus enredos. Para Munanga (2005):

As próximas gerações não podem abrir mão de viver, não podem abrir mão de sonhar. Um mundo melhor, não sei se existe, é nesse mundo concreto que estamos vivendo e que estamos lutando e cada um deixando para as gerações mais jovens a consciência da mudança. Transmitindo essa consciência para as outras gerações, e assim continuar a vida (Munanga, 2005, p. 54).

Fica claro a importância da representação dos personagens negros nos livros, principalmente, a representação das personagens femininas, pois a autoestima de muitas garotas é abalada diariamente, com comentários maldosos acerca da sua cor, principalmente, dos seus cabelos crespos. Assim, com a implementação das

personagens negras na literatura sendo exaltadas, estas leitoras podem sentir orgulho de si mesmas e de suas verdadeiras identidades.

## 2.2 ANA MARIA MACHADO

Ana Maria Machado é escritora brasileira, jornalista, professora e pintora, autora de inúmeros livros infantis. Foi a primeira do gênero a entrar na Academia Brasileira de Letras (2003), nasceu na cidade de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1941. Ela é casada com o músico Lourenço Baeta, tendo uma filha com o atual marido e dois filhos com o ex.<sup>1</sup> Estudou no Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro e do MOMA de Nova Iorque. Formou-se em Letras Neolatinas, na Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. Durante o período da ditadura militar, fez parte do movimento de resistência dos professores e, em 1969, acabou sendo presa, partindo para o exílio na Europa, em janeiro de 1970 e retornando ao Brasil, apenas no ano de 1972. De acordo com o site *Ana Maria Machado. com.br*, a escritora possui mais de 40 anos escrevendo seus escritos, tendo em sua carreira, mais de cem livros publicados, sendo nove romances e oito livros de ensaios. Suas obras foram publicadas em vinte idiomas e em vinte e seis países.

Nesse contexto, Ana Maria Machado publicou as seguintes obras através da Global Editora<sup>2</sup>: *A Grande Aventura de Maria Fumaça; Mistérios do Mar Oceano; Um Montão de Unicórnios; Brincadeira de Sombra; Eu Era um Dragão; Gente, Bicho, Planta: o Mundo me Encanta; Quem Perde Ganha; Quem Foi que Fez; Alguns Medos e Seus Segredos; Passarinho me Contou; Maré Baixa, Maré Alta; Curvo ou Reto – Olhar Secreto; Amigo é Comigo; O Menino que Espiava pra Dentro; Meu Reino por um Cavalo; Caro Professor; O Natal de Manuel e O Elfo e a Sereia*. Além disso, ela publicou ainda como tradutora: *Nicolau e Nicolinho*, de Hans Christian Andersen, e *A Bela Adormecida no Bosque*, de Charles Perrault. sendo a organizadora também de João Cabral de Melo Neto – Um Autor em Perspectiva.

As autoras Antunes e Pereira na obra *Tranças de histórias* (2004), criaram um livro que menciona todos os feitos da escritora Ana Maria Machado e o que ela

---

<sup>1</sup> Disponível na Academia Brasileira Letras: <https://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/biografia>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

<sup>2</sup> Disponível no site Global Editora: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=978>. Acesso em: 11 de nov. de 2023.

defende, como também o que ela representa na literatura brasileira, conforme o trecho seguinte mostra:

Pode-se sempre alegar que sua literatura não é erudita ou pertence a um gênero ou subgênero considerado menor, voltado para o mercado, mas não se pode ignorar o fenômeno. Afinal, trata-se de uma escritora muito lida por crianças, jovens e adultos e, ao mesmo tempo, reconhecida tanto pela crítica especializada quanto por entidades nacionais e internacionais do mundo das letras. Recordem-se, a propósito, o prêmio Hans Christian Andersen, que lhe foi concedido em 2000, e o recente ingresso na Academia Brasileira de Letras (Antunes; Pereira, 2004, p. 7).

Segundo consta em sua biografia, no site da Academia Brasileira de Letras (ABL), ela é a sexta ocupante da Cadeira nº 1, eleita em 24 de abril de 2003, na sucessão de Evandro Lins e Silva e recebida em 29 de agosto de 2003 pelo acadêmico Tarcísio Padilha.

Desse modo, Ana Maria Machado é uma escritora renomada e importante, que esteve sempre à frente do seu tempo, além de preocupar-se de incluir movimentos sociais negligenciados, de certo modo, em suas obras. Um exemplo disso, é a própria obra *Menina bonita do laço de fita* (1986), pois seu enredo tem como protagonista, uma criança negra, e aborda uma história com um direcionamento à representatividade da mulher negra, mesmo a autora sendo uma pessoa branca. Ana Maria Machado é uma escritora crítica, e gosta de direcionar o seu trabalho para temas importantes, que valem a pena refletir na sociedade, visando com sua sinceridade, defender as minorias. Assim, além de escrever para o público infantil, ela se faz presente através de seus escritos, trazendo suas preocupações para seus livros, com a finalidade de refletir e solucionar causas necessárias. Segundo, Lajolo (1983):

Ana Maria dá seu depoimento, definindo sua geração como: 'um bando de gente que cresceu lendo e vivendo o universo lobatiano foi virando gente grande e começou a mostrar as marcas disso – justamente essa capacidade de não isolar a fantasia do real. Aprendemos com Lobato que o faz-de-conta é um dado da realidade tão concreto quanto outros aspectos mais tangíveis. [...] Mas também sabemos, com Lobato, que os problemas políticos, econômicos e sociais do mundo em que vivemos não são cortados do universo infantil. Ele discutiu a campanha pelo petróleo, a guerra mundial e outras questões de seu tempo. Nós trazemos nossas preocupações contemporâneas para dentro do que escrevemos (Lajolo, 1983, p. 102).

Ana Maria Machado mencionou o seguinte no ensaio "Entre Vacas e Gansos: Escola, Leitura e Literatura", que integra o livro *Ponto de Fuga*: "Estou convencida de que o que leva uma criança a ler, antes de mais nada, é o exemplo. Se nenhum adulto em volta da criança costuma ler, dificilmente vai se formar um leitor."<sup>3</sup> Reforçando a ideia que a criança precisa de um suporte em casa, criticando os pais que não estimulam seu filho com o ato da leitura. Antunes e Pereira (2004, p. 9) ainda acrescenta que "considera-se a literatura de Ana Maria Machado testemunha de uma época, o que não quer dizer que seja neutra; ela toma partido pela igualdade, pela democratização, pela formação crítica do leitor.

Desse modo, fica evidente que Ana Maria Machado possui uma consciência de igualdade, democratização e formação crítica com a historicidade da sociedade em si. Logo, percebe-se que a autora tem como objetivo lutar por um mundo mais democrático, visto que a literatura é uma forma de conhecimento e luta e, por meio dela, pode-se chegar a uma reflexão sobre a nossa existência e tomada de consciência dos nossos atos.

### 2.3 A ESCRITORA bell hooks

Gloria Jean Watkins (conhecida pelo seu pseudônimo bell hooks), foi uma doutora em história pela UNICAMP, escritora e ativista negra norte-americana. Segundo a página *ebiografia*<sup>4</sup>, ela nasceu em 1952, em Hopkinsville, uma cidade de Kentucky, localizada no sul dos Estados Unidos. Ela é de uma família simples, seu pai era zelador e sua mãe dona de casa, tem cinco irmãs e um irmão. Ela escolheu seu pseudônimo "bell hooks" em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks. Conhecida pela família por ser uma mulher de língua afiada, que fala sempre a verdade, com sinceridade. Quando a autora começou a escrever, adotou o nome de sua bisavó como forma de inspiração, já que desde de pequena, hooks possuía os mesmos traços e personalidade que sua bisavó, seu nome se encontra todo em minúsculo, para mostrar à sociedade que o nome não diz respeito a nada, e sim o que ela escrevia em suas obras.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/23/o-que-leva-uma-crianca-a-ler-e-o-exemplo-diz-ana-maria-machado-em-livro.htm>. Acesso em: 16 nov. 2023.

<sup>4</sup> Página ebiografia. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/bell\\_hooks/](https://www.ebiografia.com/bell_hooks/). Acesso em: 10 nov. 2023.

Hoje, ela é uma das educadoras mais respeitadas do mundo. O livro *Meu crespo é de rainha* (1999) foi sua primeira obra escrita para crianças: é um poema dedicado à beleza de todas as meninas que, assim como bell hooks, tem a pele negra e os cabelos crespos. Infelizmente, em 15 de dezembro de 2021, bell hooks faleceu com 69 anos, de acordo com a página *e biografia*, sua família não entrou em detalhes de sua morte, mas sabe-se que foi devido a uma longa doença que ela tinha. A página *ebiografia*<sup>5</sup>, menciona ainda alguns livros de bell hooks que foram traduzidos para o português, que são respectivamente: *Tudo sobre o amor* (2021), São Paulo: Editora Elefante; *Teoria Feminista - Da Margem ao Centro* (2020), Lisboa: Orfeu Negro. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* (2020), São Paulo: Editora Elefante; *Anseio: raça, gênero e políticas culturais* (2019). São Paulo: Editora Elefante; *Olhares Negros: raça e representação* (2019). São Paulo: Editora Elefante; *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019). São Paulo: Editora Elefante; *Não serei eu mulher? - As mulheres negras e o feminismo* (2018). Lisboa: Orfeu Negro; *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (2013). São Paulo: Martins Fontes.

Sabemos que bell hooks foi uma escritora americana e, portanto, todos os seus escritos se definiram diante da composição e das regras da literatura norte-americana, que muito se diferencia da literatura brasileira, já que cada país e continente, possui suas regras. Logo, na página *Mundo de K*, Alexandre Kovacs comenta a respeito da origem desta literatura:

Não há como negar a influência cultural europeia, particularmente inglesa, na formação da identidade literária dos Estados Unidos. No entanto, tanto na poesia quanto na prosa, os escritores norte-americanos (detesto o adjetivo pátrio "estadunidense") logo encontraram formas próprias de expressão. Esta independência cultural já é nítida no século XIX e consolida-se no século XX por meio da absorção e transformação da herança clássica europeia a partir de elementos de outras culturas, principalmente africana, um fenômeno que se refletiu claramente na música popular, com o nascimento do Jazz, Blues e o Rock. Na literatura não foi diferente e esta relação cronológica mostra como, de Nathaniel Hawthorne a Philip Roth, esses escritores e escritoras ajudaram a consolidar uma das literaturas mais fortes, originais e contestadoras do nosso tempo (Kovacs, 2018, s/p).

Nesse sentido, a escritora foca em suas obras, temas sociais, visto que ela era uma feminista e ativista, que lutava pelos direitos das mulheres e dos negros, sendo

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.ebiografia.com/bell\\_hooks/](https://www.ebiografia.com/bell_hooks/). Acesso em: 10 nov. 2023.

ela uma mulher negra também. Ela exigia o respeito aos negros e as mulheres, além de lutar em outras causas na qual as minorias estivessem inferiorizadas. Assim, o trecho seguinte mostra um pouco do que hooks desabafava:

[...] por mais que se clame por uma “diversidade” quase não existe compreensão realista de como as estudiosas feministas tem de mudar sua maneira de ver, falar e pensar para que possamos nos comunicar com vários públicos, os “diferentes” sujeitos (hooks, 2017, p. 152-153).

A autora tocava incansavelmente na tecla que as pessoas negras merecem respeito, de modo que, em suas obras, ela fazia questão de levantar a autoestima deste público, sempre trazendo personagens negros em suas obras, para representar na literatura a força que esse povo possui, como no caso do livro *Meu crespo é de rainha* (1999). Ela ainda exaltou em toda a trama a beleza dos cabelos crespos, fazendo com que as leitoras negras conseguissem se aceitarem e ter orgulho de seus traços negros. Assim, bell hooks, em um dos seus escritos, aconselha as mulheres negras a amar as pessoas negras, enfatizando a ideia de que a pessoas negras também merecem receber o amor, carinho e, principalmente, o respeito nessa sociedade racista:

As mulheres negras que escolhem (e aqui enfatizo a palavra "escolhem") praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor (hooks, 2010, p.10).

Desse modo, hooks enfatiza que, no momento no qual duas pessoas negras se relacionam, elas se unem e se tornam uma só, gerando ainda mais força para saber lidar com o racismo, eles estão dando continuidade às suas ancestralidades, para que suas identidades afrodescendentes continuem vivas. Para continuar a luta para combater o desrespeito, conseguindo, de certa forma, estarem em um mundo que os forneça nada além da empatia e do amor. hooks (2010) menciona o seguinte:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos,

é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor (hooks, 2010, p. 12).

Mesmo após sua partida, bell hooks nos deixou ensinamentos para toda uma vida. Seus escritos e suas lutas, serviram e ainda servem para que as pessoas possam ter cada vez mais força para ser resistência, e um mundo em que a literatura negra ainda é minoria. Mesmo assim, seu legado de força e suas obras inspiram, diariamente, inúmeras mulheres negras, fazendo com que elas possam se admirarem de seus traços e ancestralidades, se orgulhando de suas identidades, para que elas nunca esqueçam a força que têm e o poder da beleza que sua cor lhes traz.

### 3 A LITERATURA COMPARADA

#### 3.1 DA ORIGEM À CONTEMPORANEIDADE

A Literatura Comparada surgiu durante o século XIX, principalmente, pelo continente europeu, quando estudiosos começaram a perceber a necessidade de uma abordagem mais ampla e interdisciplinar para esclarecer, de vez, com todas as incertezas e dúvidas que apareciam durante o estudo de literatura. Logo, a Literatura Comparada manifestou-se como resposta a uma série de perguntas e fatores que permeia a cabeça de muitos pensadores intelectuais acerca desse assunto, conforme destaca a autora Nitrini (1997):

As origens da literatura comparada se confundem com as da própria literatura. Sua pré-história remonta às literaturas grega e romana. Bastou existirem duas literaturas para se começar a compará-las, com o intuito de apreciar seus respectivos méritos, embora se estivesse ainda longe de um projeto de comparatismo elaborado, que fugisse a uma mera inclinação empírica (Nitrini, 1997, p. 19).

Esses fatores são de uma literatura ainda repleta de incertezas, dúvidas e perguntas, apesar do adjetivo “comparado” derivado do latim *comparativus*, já tenha sido empregado na Idade Média, essa literatura ainda não era nomeada, e ficou nessa situação até o século XIX, no qual foi o marco inicial para que este cenário fosse mudado. A partir desse momento, surgiu no continente europeu, a expressão “Literatura comparada”, servindo para comparar e conferir alguma hipótese que aparecesse sobre determinado assunto. A citação seguinte discutirá um pouco sobre a trajetória dessa expressão:

Para que nascesse a expressão “literatura comparada”, não bastava que reinasse um espírito que já se poderia qualificar de europeu, um espírito de cosmopolitismo, de liberalismo, de generosidade, negando todo exclusivismo, todo “isolacionismo”, este espírito que inspirou Voltaire, Rousseau, Diderot e mais fortemente Goethe, este espírito que reuniu em Coppet, ao redor de Mme de Staël, suíços, franceses, alemães e ingleses, apegados as confrontações ininterruptas (Brunel; Pichois; Rousseau; 1983, p. 3).

Durante o século XIX, também houve um aumento significativo no interesse europeu pelas culturas e literaturas de outras regiões do mundo, como a Ásia, África e



América Latina, o que levou os estudiosos a compararem as obras literárias de diferentes tradições culturais e idiomas. De acordo com Nitrini (1997), a visão global do século XIX, serviu de ponto de partida para que grandes pensadores intelectuais daquela época, como por exemplo, Goethe, Sainte-Beuve e Mme. de Staël, sentissem a necessidade de possuir contato com mais frequência com a literatura estrangeira. Assim, seguindo esse mesmo desejo, Jean-Jacques Ampère, Abel Villemain e Philarète Charles, deram início em 1828, 1830 e 1835, com o ensino da disciplina de “Literatura comparada”, nas universidades francesas.

Nesse sentido, conforme Brunel *et al.* (1983), na França, os verdadeiros pioneiros da literatura comparada são: Abel Villemain, Jean-Jacques Ampère e Philarète Chasles. Villemain, por exemplo, se destaca, pois foi um dos quais ministrou na Sorbonne, em 1928-1929. Além disso, também ministrou no semestre seguinte, um Cours de littérature française, o mesmo tratava, através de seus escritos, a influência que França e a Inglaterra tiveram uma sobre a outra e a influência francesa na Itália no século XVIII. A citação seguinte reforça o assunto abordado:

O quarto volume, contendo a primeira parte do curso, não apareceria senão em 1838: Villemain emprega, no prefácio, a expressão “literatura comparada”; no próprio curso, ministrado em 1928, ele dizia que queria mostrar “por um quadro comparado o que o espírito francês tinha recebido das literaturas estrangeiras, e o que ele lhes dera (Brunel; Pichois; Rousseau; 1983, p. 4).

Nessa lógica, pode-se considerar também que a literatura comparada desempenhou e ainda desempenha um papel importante na análise das relações entre literatura e política, permitindo-nos entender como a literatura reflete, influencia e molda as questões políticas em diferentes culturas e sociedades. Ela também pode ser usada como uma ferramenta para promover a compreensão intercultural e a diplomacia cultural. Para Nitrini (1997):

Convém lembrar que o termo “literatura comparada” surgiu justamente no período de formação das nações, quando novas fronteiras estavam sendo erigidas e a ampla questão da cultura e identidade nacional estava sendo discutida em toda a Europa. Portanto, desde suas origens, a literatura comparada acha-se em íntima conexão com a política (Nitrini, 1997, p. 21).

Desse modo, conforme Nitrini (1997, p. 21), Brunetiére foi um dos primeiros defensores da literatura comparada, o mesmo dedicou-se sua vida a vários estudos nessa área, destacando dentre eles o “Cosmopolitismo e Literatura Nacional” e “A

Literatura Europeia no Século XX”. Ele ainda comandou em um quadro de um Congresso Internacional de História, uma seção que se referia à “História Comparada das Literaturas”. Porém, apesar de tantos estudos na área da literatura comparada e, aparentemente, parecer que muitos estudiosos sabiam o que realmente se tratava essa literatura, em 1902, foi mudada essa perspectiva, a partir do momento em que o novo *Journal de Littérature Comparée* de Fletcher, Woordberry e Spingarn lançou a pergunta: “O que é literatura comparada?”, causando nos estudiosos desse campo, várias reivindicações e novas teorias sobre esse assunto, pois o que era entendido exclusivamente como um método comparativo, agora não era mais, como reforça o trecho seguinte:

Ela não pode ser definida pelo método comparativo, por ser ele comum a todas as espécies de estudo. Croce contesta Max Koch, fundador e editor de duas revistas de literatura comparada alemãs, bem como outros comparatistas para os quais a finalidade essencial da literatura comparada reside na pesquisa das idéias e temas, que, em diferentes épocas e literaturas, apresentam ou criam relações e traços comuns, evoluem no tempo e no espaço, exercem influências recíprocas, relegando-as ao mundo árido e ingrato da simples erudição (Nitrini, 1997, p. 22).

Aos poucos, foi ficando mais óbvio que a literatura comparada não deve e nem pode ser entendida, exclusivamente, como o ato apenas de comparar, pois no estudo dessa literatura, não existe apenas essa orientação a ser levada em conta e nem muito menos um único percurso metodológico a ser seguido, pois até mesmo nos estudos literários, a comparação é um meio e não um fim. A citação seguinte abordará mais sobre o assunto. Para Carvalho (2021):

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (Carvalho, 2021, p. 7).

Carvalho (2021) aborda que a literatura comparada começou a ser reconhecida e apresentada por pessoas influentes em vários países, como exemplo da Alemanha, no período de 1887-1910, foi divulgada por Moriz Carrière e Max Koch, na Inglaterra em 1886, com Hutcheson Macaulay Posnctl, na Itália, foi através de Sanctis no ano de 1863, já nos Estados Unidos foi com Irving Babbit no período de 1899-1904, e em Portugal em 1912 por Fidelino de Figueiredo.

Com isso, segundo Carvalho (2021), foi na primeira década do século XIX, que a literatura comparada recebeu o *status* de disciplina reconhecida, e tornou-se objeto de ensino regular nas famosas universidades europeias e norte-americanas, possuindo, a partir daí bibliografias específicas e publicações especializadas. Assim, apesar das idas e vindas para a construção dessa literatura, atualmente, a Literatura Comparada se tornou uma disciplina interdisciplinar, que explora não apenas as semelhanças e diferenças entre obras literárias, mas também como a literatura reflete e contribui para a cultura e a sociedade. Ela continua a ser uma área de estudo vital para a compreensão da diversidade cultural e da complexidade da expressão humana por meio da escrita literária.

### 3.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS E CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA COMPARADA

A literatura comparada é uma disciplina acadêmica que estuda a comparação de textos literários de diferentes culturas, épocas, gêneros e idiomas, buscando analisar as semelhanças e diferenças entre as obras literárias, para compreender melhor a natureza da literatura e suas relações com a sociedade, cultura e a história. A literatura comparada se constitui através de conceitos fundamentais, que desenvolvem a estrutura e o sentido dos seus escritos, de modo que esses conceitos, são caracterizados pela transtextualidade, interdisciplinaridade, comparação, entre outros. Esses são os principais fundamentos da literatura comparada que aqui serão abordados.

A princípio, para iniciarmos com a abordagem desse estudo, é fundamental mencionar transtextualidade e o que ela representa. Ela é um conceito literário, proposto pelo teórico literário Gerard Genette, em sua obra *Palimpsestes: A Literatura de Segunda Mão* (1982). Logo,

Na obra intitulada *Palimpsestes*, Gérard Genette procede ao estudo das relações transtextuais e define transtextualidade, ou transcendência textual do texto, como tudo aquilo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos [...] (Mello, 1996, p. 13).

Nesse sentido, o conceito se refere às diversas relações que um texto literário estabelece com outros textos, sejam eles do mesmo autor ou de autores diferentes. A

transtextualidade reconhece que os textos não existem isoladamente, mas estão inseridos em um contexto mais amplo de referências e influências literárias. A transtextualidade está dividida em cinco tipos: a intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e a arquitextualidade.

Desse modo, a intertextualidade é um conceito fundamental na teoria literária e na análise de textos que se refere à relação entre diferentes textos. Ela sugere que nenhum texto existe isoladamente, mas está sempre em diálogo com outros textos, seja de maneira explícita ou implícita. De acordo com Mello (1996, p. 13) a intertextualidade é a “[...] presença de um texto em outro, com ou sem referência (citação, plágio, alusão, etc)”. Noutras palavras, os textos não são entidades autônomas, mas estão interligados por meio de referências, citações, alusões e influências mútuas. A intertextualidade reconhece que a criação literária e textual é um processo interativo e que a compreensão de um texto, muitas vezes, depende do conhecimento de outros textos, assim Portela (1999) afirma que:

O termo intertextualidade designa essa transposição de um (ou de vários) sistema(s) de signos noutro[...] “num sistema significativo, o qual exige uma nova articulação do tético- da personalidade enunciativa e denotativa”. Quando ocorre um diálogo entre os muitos textos de uma (ou várias) cultura(s) que se instala no interior de cada texto e o define, tem-se o fenômeno da intertextualidade, um ponto de intersecção de muitos diálogos, cruzamento de vozes oriundas de práticas da linguagem socialmente diversificada, que têm no texto sua realização (Portela, 1999, p. 69).

Já a paratextualidade, segundo Mello (1996, p. 14): é uma “[...] relação menos explícita e mais distante entre textos (títulos, subtítulos, advertências, prólogos, etc.)”. Se refere a elementos textuais que cercam e acompanham o texto principal de uma obra literária, como introduções, prefácios, posfácios, notas do autor, notas de rodapé, títulos, epígrafes, índices, dedicatórias, entre outros. Esses elementos são parte integrante da estrutura do livro ou do texto, mas estão fora do corpo central da narrativa ou da poesia. Ela desempenha um papel importante na experiência de leitura de um livro e pode influenciar a compreensão e a interpretação da obra.

A metatextualidade é um conceito literário que se refere a textos que comentam, discutem ou fazem referência a outros textos, sejam eles literários, não literários ou até mesmo o próprio texto em que a metatextualidade ocorre. Em outras palavras, a metatextualidade é a maneira pela qual um texto faz autorreflexão ou autorreferência, conscientemente, se relacionando com outros textos ou com a

própria natureza da escrita. Para Maria Zilda Cury e Ivete Walty (1999):

[...] a metalinguagem é a ferramenta que nos permite descrever uma formação discursiva específica como a literária, entendendo o processo de sua enunciação, compreendendo a modelação formal que, em cada texto, sustenta a sua feitura. Isto tudo sem impedir, entretanto, a sua flutuação no vazio de um espaço potencialmente infinito de interpretações, como bem nos lembra Umberto Eco (Cury; Walty, 1999, p.7).

Dando continuidade ao estudo da transtextualidade, também temos a hipertextualidade, que é um conceito que se origina na informática e na tecnologia da informação, mas também é aplicado em campos, principalmente, na área da literatura, e a hipermídia, abordando a derivação de um texto A para um texto B. Ela se refere a uma estrutura de informações não linear, em que os elementos de informação (textos, imagens, vídeos, etc.) estão interconectados por meio de *links*, permitindo que os usuários naveguem entre esses elementos, de maneira não sequencial. A hipertextualidade também é uma característica comum na *World Wide Web* e em documentos digitais interativos, como por exemplo, músicas feitas através de paródia. Assim,

Propõe-se, então, a abordar a hipertextualidade em seu aspecto mais cristalino: a derivação de forma maciça – toda obra **B** derivando de **A** – e declarada de maneira mais ou menos oficial. É o caso dos gêneros oficialmente hipertextuais tais como a paródia, o disfarce e o pasticho. O autor considera, entretanto, que a restrição aos gêneros citados é impraticável e mostra que é preciso ir mais longe, começando por essas práticas, mas indo em direção às menos oficiais. Por esse processo, *Eneida*, de Virgílio, e *Ulisses*, de Joyce, são necessariamente hipertextos de um mesmo hiportexto que é *Odisseia* (Mello, 1996, p. 14).

Por fim, temos a architextualidade que, conforme Mello (1996, p. 14), é uma: “[...] relação muda, que só articula uma menção paratextual (a de título: poesia, ensaio, etc.) e alude a um conjunto de características gerais ou transcendentais ao texto (gênero, tipos do discurso), de carácter taxionômico”. A architextualidade é um conceito que se refere às relações e influências literárias que transcendem um único texto ou autor e se estendem a um nível mais amplo, envolvendo toda uma categoria ou gênero literário. Em outras palavras, a architextualidade diz respeito às conexões e padrões literários que são comuns a um conjunto de obras dentro de um gênero ou tradição literária. Para Nitri (1997), o termo “influência” é uma das principais palavras-chaves que permeia esse estudo da literatura comparada também, assim em

seu livro *Literatura Comparada – origens* (1997), a autora fala um pouco de como uma nação pode influenciar um escritor de uma ou mais culturas. Conforme Nitrini (1997, p. 127-128): “[...] a influência é uma aquisição fundamental que modifica a própria personalidade artística do escritor”. Assim, o termo “influência” faz parte dos estudos da literatura comparada, e diz respeito como as diferentes culturas, literaturas e obras influenciam e interagem umas com as outras, permitindo, por exemplo, que os autores, ao fazerem suas obras, possam ser influenciados por pessoas, livros, músicas, entre outros aspectos que os sirvam de inspiração.

Além da influência, os estudos da literatura comparada também fazem uso da imitação, porém, o termo não é visto como cópia ou plágio, mas do ponto de vista que escritores possam se inspirar no trabalho de outros, introduzindo elementos de diferentes tradições literárias nas suas próprias obras.

Estes estudiosos podem explorar como um autor incorpora, reinterpreta ou responde a obras anteriores, eles podem contestar ou seguir com a tradição, ou criar algo novo. De acordo com Nitrini (1997, p. 130): “quanto maior o número de elementos aproveitados da obra de um autor por outro, tanto mais ele vai-se aproximando da imitação, da paráfrase, até chegar à tradução, quando todos os elementos são considerados”. Assim, a imitação é uma abordagem analítica que estuda o modo de como a literatura de diferentes origens, dialoga entre si, e como as influências literárias podem inspirar a criação artística de um autor ao longo do tempo e diante de inúmeras culturas.

Desse modo, além dos termos citados anteriormente, os estudos de literatura comparada também abordam a “originalidade”, que se refere à capacidade de uma obra literária introduzir características divergentes e únicas que a diferenciam de outras obras. Logo, Nitrini (1997, p. 135) menciona o seguinte:

A originalidade é assegurada, também, pela escolha feita pelo autor exposto a uma influência. A maior originalidade é garantida quando uma obra age sobre o escritor, não por todas as suas qualidades, mas apenas por algumas delas. No entanto, o apoio vindo de fora a um escritor é independente da qualidade do modelo. Uma obra secundária e mesmo medíocre pode esclarecer o escritor no caminho a ser trilhado e conduzi-lo à própria identidade (Nitrini, 1997, p. 135).

A originalidade desempenha um papel fundamental nesse âmbito de criação, sendo fundamental mencionar que o uso desta originalidade, não significa

exclusivamente, a ausência total de influências ou referências de outras obras literárias. A literatura, frequentemente, se baseia em tradições literárias e influências culturais que já existem nestes estudos. Portanto, este conceito da originalidade no estudo de literatura comparada, diz respeito à capacidade que um autor possui de criar algo novo dentro dessas circunstâncias.

## 4 AS PERSONAGENS NEGRAS EM *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA E MEU CRESPO É DE RAINHA*

### 4.1 *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*, DE ANA MARIA MACHADO

O livro *Menina bonita do laço de fita* (1986) é um livro infantil que contém 24 páginas. A narrativa trata-se de um conto que remete a uma história emocionante de uma garotinha negra e um coelho branco. A história aborda a representatividade racial e está associada a uma importante lição, no qual mostra a seus leitores que precisamos lidar com as diferenças, influenciando o aluno a refletir acerca das diferenças e semelhanças sociais e étnicas. Assim,

Muitas crianças ao se depararem com os livros que são apresentados para elas não se identificam com o que veem. A temática racial é muito importante para que a criança Afro-Brasileira possa se preparar para um futuro em uma sociedade onde a maioria das crianças são negras. As crianças negras precisam de uma instrução e os adultos que a rodeiam precisam prepará-las e fortalecê-las para que possam contestar ao que vão ouvir ou encontrar pelo caminho (Marcelli; 2021, p. 06).

Dessa forma, a história inicia-se com “Era uma vez”, portanto, é perceptível a partir desse termo, que tudo está sendo narrado no pretérito. Logo, observamos que o narrador é onisciente, pois conta a história na terceira pessoa, ou seja, ele não participa diretamente da história, mas sabe tudo o que aconteceu nela. A fala dele se mistura no decorrer do enredo com as ações do coelho e a conversa com a garota, como mostra na seguinte citação:

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:  
 –Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?  
 A menina não sabia, mas inventou:  
 –Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina... (Machado, 2019, p. 8).

Além disso, a linguagem do conto é bem-humorada, mas, às vezes, também é poética, e como há diálogos entre os personagens na história, fazem uso nessa lógica do discurso direto. Logo, Gancho (2006, pág. 26), afirma o seguinte sobre este discurso direto: “É o registro integral da fala do personagem, do modo como ele a diz. Isso equivale a afirmar que o personagem fala diretamente, sem a interferência do



narrador, que se limita a introduzi-la”. É a maneira direta da reprodução das falas dos personagens nos textos.

A princípio, o enredo conta a história de uma garotinha negra, linda, que chamou a atenção de um coelho branco, por sua cor. O conto inicia-se exaltando a beleza dela e evidenciando o quão a pele dela era bonita, Machado (1996, p. 3) afirma que a cor da personagem era que: “[...] nem o pelo da pantera-negra quando pula da chuva”, seus olhos foram comparados a duas azeitonas pretas que brilhavam. Além disso, seu cabelo era cacheado e bem escuro, sendo descrito no conto que parecia com “fiapos da noite”.

A mãe da menina amava enfeitar seus cabelos, conforme mostra Machado (1996, p. 4): “Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar”. Por conta desses laços, sua mãe colocava em seu cabelo, o coelho a nomeou de “Menina bonita do laço de fita”.

Nesse sentido, o coelho começou a ter uma enorme admiração pela menina, e ficou fascinado pela cor da pele dela, ele a achava, linda e seu desejo era ter uma filha pretinha e linda igual a garota, até que certo dia ele foi à casa da menina e fez a seguinte pergunta: “Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?” (Machado, 1996, p. 8). A todo instante, ele a perseguia e fazia essa mesma pergunta e ela sempre inventava algo ao coelho, como por exemplo, que ela caiu em uma lata de tinta preta, tomou café demais, comeu muita jabuticaba, e o coelho querendo ficar pretinho igual a menina bonita, sempre fazia tudo o que ela dizia.

O coelho não parou, a inquietude dele era tanta em descobrir qual o segredo da menina para ser tão pretinha, que ele continuou a perguntar a ela, e quando a garotinha estava a inventar outra desculpa, como sempre fazia com ele, a mãe dela escutou e revelou o verdadeiro motivo; era por conta de uma avó preta que a menina tinha, e que a cor da pele dela se deu através da sua geração, conforme o trecho seguinte:

Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha... (Machado, 1996, p. 15).

Dessa forma, o coelho observou sua geração e viu que toda sua linhagem era composta de coelhos brancos, logo, ele pensou que para mudar este cenário, teria que encontrar uma coelha pretinha da mesma cor da menina bonita do laço de fita e assim ter filhotes com ela, conforme podemos constatar no trecho a seguir: “Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça” (Machado, 1996, p. 18). Com isso, eles tiveram inúmeros coelhinhos de todas as cores, entre eles, a almejada coelhinha pretinha que ele tanto queria. Assim, a menina bonita do laço de fita se tornou madrinha da coelhinha preta, como podemos ver no trecho abaixo:

E quando a coelhinha saía, de laço colorido no pescoço, sempre encontrava alguém que perguntava:  
 -Coelha bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?  
 E ela respondia:  
 -Conselhos da mãe da minha madrinha... (Machado, 1996, p. 22).

Desse modo, chegamos ao fim dessa história, depois de tanto tempo procurando saber o segredo para ficar pretinho igual a menina bonita do laço de fita. Ele enfim, entendeu que todas as tentativas que fez para mudar de cor foi em vão, era impossível o coelho mudar de cor. Toda sua descendência era composta de coelhos brancos, então, ele encontrou uma coelha pretinha e, finalmente, teve seus filhos, inclusive uma coelhinha da mesma cor da menina bonita do laço de fita.

Nesse sentido, a autora Ana Maria Machado, no livro *Menina bonita do laço de fita* (1986), consegue desencadear a imaginação dos leitores, através da linguagem visual que é constituída por toda a obra. Ela busca atrair atenção das crianças ao se depararem com todas as ilustrações que o livro possui, tornando a leitura algo mais interessante e lúdico através dos recursos expressivos, tanto da linguagem verbal (a trama), como não verbal (as ilustrações), fazendo com que a criança faça uso da imaginação e da reflexão, a citação seguinte aborda um pouco acerca do assunto:

[...] Os livros sem texto, cheios de ilustrações, estimulam a imaginação da criança, permitindo que ela mesma faça uso do “verbo”, oralizando as muitas possibilidades que as ilustrações permitem. O contato com ilustrações são, sobretudo “experiências de olhar”, de “ver” diferenciado, conforme a percepção que a criança tem no mundo (Mobrize, 1990, p. 45).

Contudo, todas essas ilustrações possibilitaram um melhor entendimento

sobre a história, gerando inúmeras imaginações para os leitores acerca da trama. Assim, a imagem a seguir mostra um exemplo de como está exposto uma dessas ilustrações no livro *Menina bonita do laço de fita* (1986):

FIGURA 01: A menina bonita e o coelho.



FONTE: Machado (2019, p. 8).

Desse modo, fica evidente que as ilustrações permitem a compreensão melhor do texto, tanto para as crianças que já leem, como para as crianças que apenas leem através de imagens, pois, por meio da linguagem visual, conhecemos as ações, a vida e as características da menina bonita. Através das imagens do livro, conhecemos ela, a mãe, o coelho, os retratos da família do coelho e seus filhotes, entre outros recursos expressivos que estão presentes no livro.

#### 4.2 MEU CRESPO É DE RAINHA, DE bell hooks

O livro *Meu crespo é de rainha* foi publicado, originalmente, em 1999, nos Estados Unidos, pela autora estadunidense, bell hooks (pseudônimo de Gloria Jean Watkins). A obra é um poema rimado e ilustrado de 32 páginas, editado no Brasil através da Boitatá. O livro tem como principal objetivo obter uma educação antirracista e enaltecer os fenótipos negros, exaltando a beleza dos cabelos afrodescendente, apresentando para as garotas negras, diferentes penteados de forma criativa, positiva e alegre.

Nesse contexto, a obra serve de referência para as meninas que se veem através desta obra representadas e admiradas. Conforme Gabriela Tavares de Sousa (2018):

As histórias contadas precisam contemplar a todas as crianças atendidas no contexto escolar. Estes pequenos leitores que estão se construindo enquanto sujeitos produtores de conhecimento, precisam se sentir representados nas páginas de forma positiva, contribuindo assim para a formação de sua identidade e autoestima (Sousa, 2018, p. 4).

Nessa lógica, *Meu crespo é de rainha* (1999), é um livro indicado para se ler em voz alta para crianças, a partir dos três anos de idade, como também para as mães, avós, tias, irmãs e toda figura feminina, como também masculina que sentir-se representados pela a exaltação do cabelo afro na trama. Obras como esta são consideradas como elementos que possuem habilidades que revertem este processo histórico de invisibilidade, afirma Ana Paula Xongani (1999), na contracapa do livro.

A obra possui uma linguagem simples e divertida, sendo considerada um livro político, porém, não é panfletário. Suas ilustrações caracterizam as várias formas de penteados e cortes afro que existem, levando a reflexão de crianças negras e não negras para seu principal objetivo: se orgulharem de suas identidades e as explorá-las, em um mundo em que a diversidade ainda é tão pouco discutida. Silva e Branco (2011, p. 199) afirmam: “Assim sendo, a negritude não é somente uma busca de identidade enquanto forma positiva de afirmação de características negras, mas também um argumento político diante de uma relação de dominação”. O autor evidencia a força que o povo negro tem acerca da sociedade.

Desse modo, a autora e ativista política, bell hooks, escreveu seu primeiro livro infantil em 1999, que foi justamente, *Meu crespo é de rainha* (1999). Renata Penzani (2018) afirma que ela decidiu lançar esta obra após testemunhar uma atitude racista vindo de uma professora, em uma escola primária do Brooklyin, nos Estados Unidos, na qual a docente leu para as crianças uma história que abordava sobre cabelos “ruins”. Assim, bell hooks, em contrapartida, escreveu um livro que enaltece a beleza dos cabelos crespos, com o ideal de defender que esses estereótipos de cabelos, que também eram cheirosos e macios. Logo, hooks fez questão de mencionar isso em seu livro no seguinte trecho: “Menininha do cabelo lindo e de cheiro doce” (hooks, 2018, p. 4).

A princípio, o enredo de *Meu crespo é de rainha* (1999), conta a história do empoderamento do cabelo afro, associando-o ao de uma rainha, fazendo-nos lembrar das poderosas rainhas africanas, que foram marcadas na história, por símbolo de força e representatividade, de modo que hooks (2018, p.15) acrescenta: “Feliz com o meu crespo! O meu crespo é de rainha!”. Assim, ela parece remeter o poder de identidade que o cabelo afrodescendente possuía, pois o cabelo crespo sempre foi alvo de preconceito, já que no passado, os negros foram escravizados e seus cabelos eram raspados e inferiorizados na sociedade, como aborda a autora Nilma Lino Gomes (2017):

No regime escravista, a “lida” do escravo implicava trabalhos forçados no eito, na casa-grande, na mineração. Implicava também, a violência e os açoites impingidos sobre o corpo negro. Entre as muitas formas de violência impostas ao escravo e à escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha significado singular. Ele correspondia a mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas era considerado uma marca de identidade e dignidade (Gomes, 2017, p. 21-22).

O livro aborda a diversidade e a beleza dos cabelos crespos e cacheados, trazendo, em suas páginas, inúmeras ilustrações de garotinhas e mulheres negras, com cabelos crespos, mostrando, através das expressões visuais, diversos penteados afro, como aborda o seguinte trecho: “Pode ser moicano, pro alto ou jogado para baixo, amarrado com pompom, cortado bem curtinho” (hooks, 2018, p. 7). Assim, o livro é marcado pela presença do contato mais visual, do que o escrito, fazendo o uso de desenhos dentro da trama para chamar atenção do leitor. Com isso, será inserido uma imagem que evidencia o quanto estão presentes essas ilustrações na obra:

FIGURA 02: Ilustrações de garotas arrumando seus cabelos.



FONTE: hooks (2018, p. 9)

As figuras de linguagem e os versos de sonoridade, tanto para a leitura autônoma quanto para a em grupo, transformam a obra em algo mais leve e divertido. O poema compara os cabelos crespos a sensações, e a imagens positivas e alegres. As ilustrações, em várias cores, abordam o caráter lúdico e afetivo da criação dos penteados, explorando o imaginário da criança. Assim, a obra valoriza a descoberta da própria beleza, a reflexão sobre suas ancestralidades, a importância da representação da identidade de cada um, o cuidado de si e a vida em família.

Contudo, após a autora abordar a representação e a força que tem o cabelo afro em todos os trechos da obra *Meu crespo é de rainha* (1999), como por exemplo, nesse “Pixaim, sim! Gosto dele bem assim!” (hooks, 2018, p. 12). Desse modo, bell hooks (1999) encerra o livro, incentivando as suas leitoras a se orgulhar de seus cabelos, conforme se acrescenta na seguinte citação: “Menininha, você é uma gracinha! Nosso crespo é de rainha!” (hooks, 2018, p. 17).

A cena que bell hooks vivenciou na escola pela professora, apenas reafirma as más práticas de ensino que suas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental tiveram e que muitos professores, ainda têm atualmente, apesar de um histórico de sofrimento repleto de escravidão enfrentados pelos negros. E mesmo assim, a docente transmitiu a seus alunos uma educação que pudesse questionar as

estratégias brancas de narração do mundo, fazendo com que a autoestima dessas crianças fosse abalada. Para Silva e Branco (2011, p. 204): “ou seja, as raízes do preconceito estão sendo co-construídas nas interações entre as crianças, sem sensibilidade para o pertencimento étnico racial de crianças negras envolvidas”. Logo, percebe-se que este cenário precisa ser mudado, conforme bell hooks (2013):

Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos a críticas ou questionamentos críticos ou que não haja muitas ocasiões em que a entrada dos poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as estruturas existentes [...] (hooks, 2013, p. 175).

Acreditamos que o livro *Meu crespo é de rainha* (1999), auxilia a fase escolar infantil, de suma importância, principalmente, no que diz respeito à formação crítica dos alunos, enquanto crianças. Um ensino eficaz deve ser transmitido, principalmente, diante de uma sala de aula que se mostra espaço para revolução, desconstruindo preconceitos ainda da colonização, e se fazendo resistente contra às práticas racistas que ainda não foram totalmente erradicadas pelos professores, escolas, currículos e materiais didáticos.

#### 4.3 AS PERSONAGENS NEGRAS NAS FRONTEIRAS DA LITERATURA COMPARADA

Essa pesquisa busca estabelecer uma relação/comparação entre as obras *Menina bonita do laço de fita* (1986) de Ana Maria Machado, e *Meu crespo é de rainha* (1999) da autora bell hooks. Um aspecto de relação que é possível observar nas obras, é a presença da transtextualidade, que é tudo aquilo que o coloca em relação, manifesta ou secreta com outros textos, entre ambas, pois as duas fazem uma referência a exaltação da beleza do cabelo afrodescendente, trazendo ao leitor, na pessoa de uma criança, uma espécie de representatividade e, no quesito do âmbito social, a voz do povo negro que, por muito tempo, foram vozes silenciadas.

Nessa lógica, entre as cinco relações transtextuais existentes, já discutidas neste trabalho, a que compõe esta pesquisa é a intertextualidade temática, um completo da intertextualidade. Ela se fundamenta nas semelhanças linguísticas e estilísticas entre os textos, analisando a maneira como obras diferentes compartilham

dos mesmos temas, ideias ou conceitos. Isso faz com que os pesquisadores do ramo de literatura comparada, possam estudar como os autores culturas distintas, épocas e gêneros abordam temas comuns de várias maneiras. As autoras Koch, Bentes e Cavalcante (2008) afirmam o seguinte:

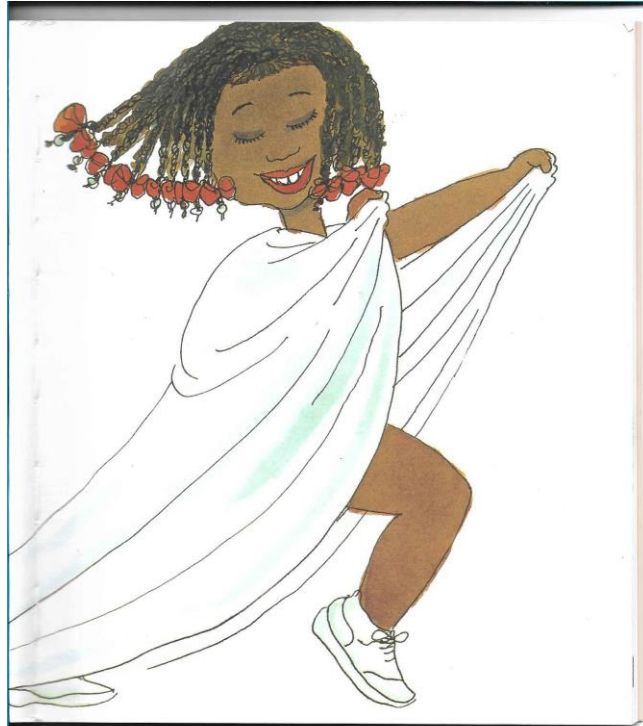
A Intertextualidade temática é encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica [...] (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008, p. 18).

O principal aspecto que une essas duas obras, é a forma como as autoras exaltam a beleza dos cabelos afrodescendentes das protagonistas, isso fica explicitamente claro ao longo dos enredos de ambos os livros, em trechos que conversam entre si. Em *Meu crespo é de rainha* (1999), essa semelhança está presente no seguinte trecho: “Menininha do cabelo lindo e de cheiro doce” (hooks, 2018, p.3). Já em *Menina bonita do laço de fita* (1986), essa semelhança está inserida no seguinte trecho: “Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite” (Machado, 2019, p. 3). Após a exibição dos trechos de ambos os livros fica comprovado os aspectos que unem as duas obras.

Logo, a representatividade racial também é um forte aspecto que está inserido na semelhança dessas duas obras, pois as personagens dos livros são garotas negras. Além disso, outro aspecto que está presente nas duas obras, são as ilustrações com cores vivas e inúmeros desenhos do decorrer das tramas, já que são obras infantis, pois os dois livros trazem desenhos de meninas negras, como mostrado a seguir:



FIGURA 03: A personagem negra



FONTE: Machado (2019, p. 5).

Podemos observar, através desta imagem, que a autora mostra todos os traços da personagem principal: a menina bonita. Percebemos, ainda, seus traços afro, como por exemplo, o cabelo crespo, com várias trancinhas e sua cor negra. São fatores que estão inseridos também na obra *Meu crespo é de rainha* (1999), que será exposto seguidamente:

FIGURA 04: A menina negra

Menininha,  
você é uma  
gracinha!



Nosso  
crespo  
é de  
rainha!

FONTE: hooks (2018, p. 16)

Após exibir a imagem anterior, é perceptível observar que a personagem de *Meu crespo é de rainha* (1999), também é uma garotinha negra e com o cabelo crespo semelhante ao da personagem menina bonita, do livro *Menina bonita do laço de fita* (1986). Através destes aspectos, é possível analisar as características afrodescendentes, presentes no perfil das duas personagens.

Desse modo, o principal fator que separa essas obras é que, em *Menina bonita do laço de fita* (1996), a autora conta uma história fictícia, além disso, seu enredo não foca apenas no cabelo, mas na cor da pele também. Enquanto em *Meu crespo é de rainha* (2018), hooks aborda um relato de uma vivência própria e seu enredo focaliza-se, exclusivamente, na exaltação dos cabelos afrodescendentes.

Desse modo, observamos inúmeros fatores, entre eles, a ancestralidade, já que ambas personagens possuem mães negras, sendo esta, uma característica genética, passada para as filhas. Além disso, a maneira como as mães das personagens, de ambos os livros, gostava de trançar seus cabelos, é considerado mais um aspecto semelhante também, entre as duas obras. Com isso, a imagem seguinte mostra o que foi mencionado anteriormente:

FIGURA 05: A personagem com sua mãe.

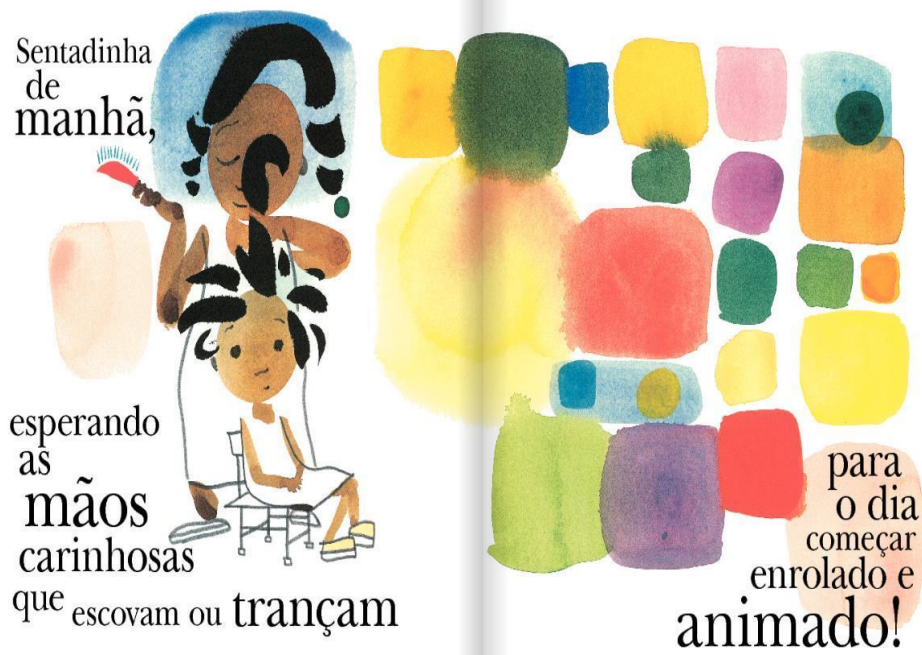


Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

FONTE: Machado (2019, p.4).

Fica explícito que a mãe da menina bonita é negra e tem o cabelo crespo igual a ela, uma característica da ancestralidade, pertencente em ambas as obras. Em *Meu crespo é de rainha* (1999), bell hooks aborda a mesma temática, pois além de trazer o aspecto da ancestralidade, mostra que a mãe da personagem é negra e tem cabelo crespo como o da filha. Além disso, exibe também a mãe arrumando os cabelos de sua filha, como na obra *Menina bonita do laço de fita* (1986). A imagem seguinte comprova o que foi citado:

FIGURA 06: A mãe da garota enfeitando seu cabelo.



FONTE: hooks (2018, p. 11).

Fica evidente que as duas figuras exibidas anteriormente, contém fatos semelhantes inseridos em ambas as obras, pois as mães das duas personagens, gostavam de enfeitar e trançar os cabelos das suas filhas, além de serem parecidas com elas fisicamente, fazendo com que este seja mais um aspecto a ser analisado e comparado entre ambos os livros.

Além desses trechos, ainda há outros fatores semelhantes nas duas obras, como por exemplo, as referências que as autoras fazem, ao inserir termos da realeza para comparar ambas personagens. Em *Meu crespo é de rainha* (1999), hooks aborda o seguinte: “Uma tiara, Uma coroa, Cobrindo cabeças Cheias de estilo!” (hooks, 2018, p. 5). “Feliz com o meu crespo! O meu crespo é de rainha!” (hooks, 2018, p. 15). Assim, no termo “coroa” e “rainha”, fica explícito que a autora compara a

personagem como alguém pertencente à realeza.

Nesse sentido, Ana Maria Machado também se refere à personagem menina bonita como alguém da realeza, no seguinte trecho: “Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar” (Machado, 1996, p. 4). Percebe-se que através do termo “princesa” a autora compara a personagem como alguém da realeza.

Dentre todas as semelhanças entre os livros *Menina bonita do laço de fita* (1996) e *Meu crespo é de rainha* (2018), o fato mais marcante entre eles, é a exaltação do cabelo afrodescendente, na qual em suas obras, ambas as autoras descrevem o quão lindo é o cabelo crespo, como afirma bell hooks nos seguintes trechos: “Menininha do cabelo lindo e de cheiro doce” (hooks, 2018, p. 3); “Feliz com o meu crespo! O meu crespo é de rainha!” (hooks, 2018, p. 15); “Pixaim, sim! Gosto dele bem assim!” (hooks, 2018, p. 11). Ana Maria Machado também exalta o cabelo afrodescendente no seguinte trecho:

Era uma vez uma menina linda, linda.  
Os olhos dela pareciam duas azeitonas  
Pretas, daquelas bem brilhantes.  
Os cabelos eram enroladinhos e bem  
negros, feito fiapos da noite (Machado, 1996. p. 3).

Fica evidente que Ana Maria Machado exaltou o cabelo afrodescendente na citação anterior, principalmente, ao comparar a cor dos cabelos da personagem com “fiapos da noite”, mostrando os quão escuros e poderosos eles são, gerando uma autoestima para as mulheres negras, para que elas possam, diante de todos os elogios na trama, se sentirem confiantes. Gomes (2008, p. 54) aborda um pouco sobre essa identidade afrodescendente que é o cabelo crespo:

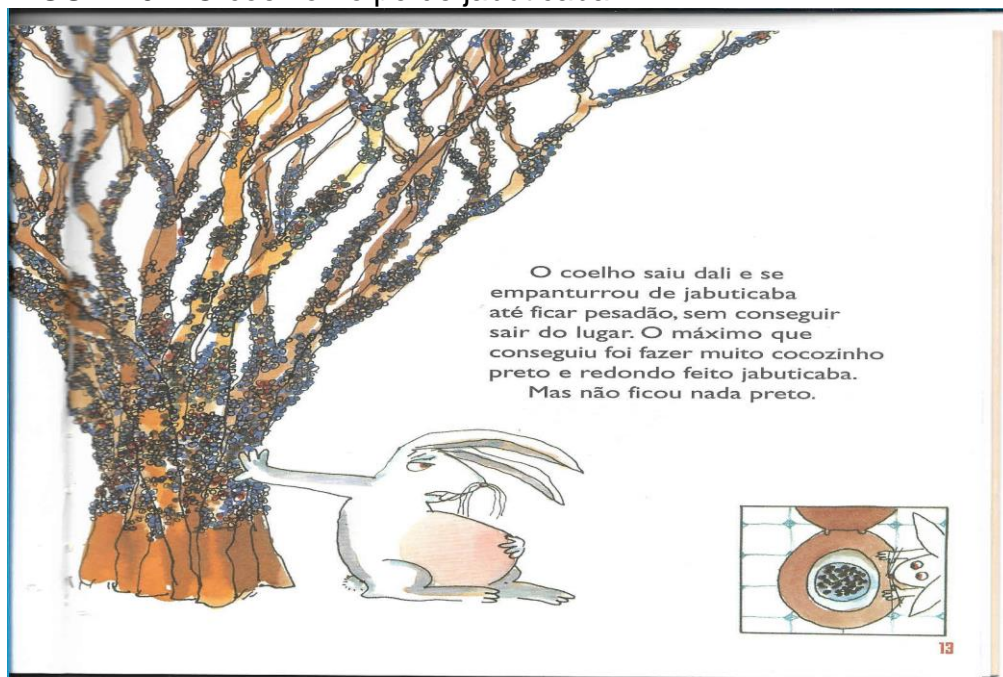
Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos (Gomes, 2008, p. 54).

Além desses fatores, outra característica foi notada nesta análise comparativa,

que é respectivamente, os títulos das duas obras, já que ambos os títulos fazem referência ao cabelo. Em *Menina bonita do laço de fita* (1986), o título em questão aborda o “laço de fita”, sendo este um objeto que enfeita o cabelo; já em *Meu crespo é de rainha* (1999), o “crespo” simboliza o tipo de cabelo que será abordado, desse modo ambos os títulos remetem algo envolvendo o cabelo, como mais uma semelhança entre os dois livros.

Podemos comparar também as ilustrações de ambos os livros, pois nota-se que as imagens são detalhadas de formas diferentes entre as duas obras. No livro *Menina bonita do laço de fita* (1986), as imagens são mais realistas, já em *Meu crespo é de rainha* (1999) as imagens não é algo tão realista é mais voltado para o lúdico, porém com mais cores e ilustrações mais animadas e vivas do que em *Menina bonita do laço de fita* (1986). A seguir será mostrado um exemplo do que foi mencionado:

FIGURA 07: O coelho no pé de jabuticaba.



FONTE: Machado (2019, p. 13).

Percebemos o quanto a ilustração dos desenhos se parece com a realidade, como por exemplo, o vaso sanitário detalhado com todos os aspectos dos que somos acostumados a vermos nos banheiros, atualmente. Como também os traços perfeitos da cerâmica, que se assemelha com as das nossas casas. Além do pé de jabuticaba, outro detalhe notado, pois é desenhado nesta imagem da mesma forma dos que

estão inseridos na nossa vivência. Fora isto, ainda tem o coelho e a figura das fezes no vaso, sendo estes fatores realistas que se assemelha com o real, diferentemente das imagens do livro *Meu crespo é de rainha* (1986), na qual irá ser introduzido seguidamente:

FIGURA 08: Ilustrações de meu crespo é de rainha.



FONTE: hooks (2018, p. 9).

Ao contrário do livro *Menina bonita do laço de fita* (1986), as imagens da obra *Meu crespo é de rainha* (1999), não são tão realistas quanto a imagem anterior. As ilustrações inseridas nela, são bem coloridas, vivas e animadas, fator esse que não possui no livro *Menina bonita do laço de fita* (1986), já que este foca mais no cenário realista. *Meu crespo é de rainha* (1999) aborda figuras alegres, lúdicas e diversificadas dos cabelos crespos, bem diferente dos que observamos no cotidiano. Logo, a obra tem o intuito de distrair a criança da realidade e atrair ela para o mundo da imaginação, prendendo a atenção delas com as cores vivas e os desenhos animados que contém a história.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os escritos inseridos nesta presente monografia, acerca da comparação das obras *Menina bonita do laço de fita* (1986) e *Meu crespo é de rainha* (1999), como também das análises das representações das personagens negras, compreendemos que, ambos os livros, tiveram detalhes importantes que uniu e diferenciou os dois, fazendo com que fosse facilitado o estudo desta análise comparativa. Além disso, notamos também um fator imprescindível para o estudo da literatura: a importância que a representação das personagens negras traz para a vida de inúmeras leitoras semelhantes às personagens, pois, ao sentirem o poder desta representação em suas vidas, elas conseguem resgatar suas autoestimas e o orgulho de sua raça.

Nesse sentido, esse estudo analisou as características da literatura infantojuvenil e seus fundamentos, visando introduzir um melhor entendimento acerca dessa temática para esta presente monografia. Além disso, ainda dentro deste tópico, foi-se abordado sobre personagens e suas características, como também sobre as autoras das obras que compõem este estudo. Em seguida, os estudos a respeito da literatura comparada, também foram alvo de análise desta monografia, sendo abordados sua origem de criação, seus principais teóricos, seus fundamentos, como também suas características, de modo que discutimos ainda, uns dos aspectos fundamentais que compõe esta área da literatura comparada, as cinco relações transtextuais que são especificamente: intertextualidade, paratexto, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade.

Dando continuidade ao estudo das relações transtextuais, essa pesquisa se fundamentou em uma das relações transtextuais, inserida na intertextualidade, que é a intertextualidade temática, encontrada em obras que compartilham a mesma área do saber e de pensamento, sendo este o caso dos livros *Menina bonita do laço de fita* (1986) e *Meu crespo é de rainha* (1999). O último tópico desta monografia está destinado a comparação das obras *Menina bonita do laço de fita* (1986), e *Meu crespo é de rainha* (1999). Assim, o tópico analisou o que une e o que diferencia, ou seja, suas aproximações e distanciamentos de uma em relação à outra. As aproximações entre as duas obras, obteve resultados significativos para a análise das comparações dos ambos os livros, sendo analisado as semelhanças entre o cabelo

crespo, já que ambas as personagens, possuem o mesmo tipo de cabelo; a representatividade racial, pois as duas personagens são negras; As ilustrações com cores, pois os dois livros trazem imagens coloridas; os dois títulos que trazem palavras e trechos que envolvem os cabelos; a ancestralidades nas duas obras; a mãe das ambas personagens ajeitam seus cabelos e; por fim, os dois livros em seus enredos abordam termos que remetem a alguém da realeza.

Logo, os resultados envolvendo as diferenças entre os dois livros, são especificamente, pelo fato de que um livro conta história fictícia, algo lúdico, imaginário; a outra obra é inspirada na realidade, já que a autora se inspirou em um episódio de *bullying* para criar o livro *Meu crespo é de rainha* (1999). Outra diferença notada é que a obra *Menina bonita do laço de fita* (1986) não foca apenas no cabelo; já *Meu crespo é de rainha* (1999), sim. E por fim, um livro insere imagens realistas mostrando como de fato os desenhos se parecem mais com a realidade e, o outro, ilustrações lúdicas, voltadas mais para a imaginação.

Com a análise desta pesquisa, esperamos ter contribuído positivamente tanto para os estudos da literatura comparada, como para a literatura infantojuvenil, ajudando aos estudiosos da área, como também as pessoas que, ao lerem essa monografia, possam adquirir conhecimentos eficazes para esta área de estudo, tornado serem críticos.

Desse modo, esperamos que os objetivos que foram expostos na introdução, tenham sido alcançados, no sentido de que a leitura deste trabalho, possa suscitar, especialmente, nas leitoras negras, o orgulho que tem com exemplos semelhantes a elas sendo representadas nas histórias literárias, através da beleza das personagens negras.

Sendo assim, esta pesquisa é necessária para que observássemos as semelhanças e diferenças entre as obras *Menina bonita do laço de fita* e *Meu crespo é de rainha*, Além disso, é possível notar a escassez que ainda existe das personagens negras sendo exaltadas na literatura, um problema que ainda é persistente, e que precisa ser solucionado. Escritores e leitores necessitam se juntar para que comecem a incrementar a mulher negra sendo enfim valorizada nas histórias.



## REFERÊNCIAS

As 20 obras mais importantes da literatura dos Estados Unidos. **Mundo de K**, 2018 Disponível em: <https://www.mundodek.com/2018/04/as-20-obras-mais-importantes-da.html>. Acesso em 16 nov. 2023.

ANA Maria Machado. **Global editora**. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=978>. Acesso em: 11 nov. 2023.

ANA Maria Machado. **Academia Brasileira de letras**, 2017, Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/biografia>. Acesso em: 10 nov. 2023.

AIDAR, Laura. Biografia de bell hooks. **ebiografia**, 2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/bell\\_hooks/](https://www.ebiografia.com/bell_hooks/). Acesso em: 10 nov. 2023.

BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

Biografia. **Ana Maria Machado**. Disponível em: <https://www.anamariamachado.com.br/biografia>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Revista científica da América Latina y El Caribe**. N. 15. Universidade de Santa Catarina: 2003. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=14701505>>. Acesso em: 16 de nov. 2023.

CARVALHAL, Tânia Franco (org.) **Literatura comparada no mundo: questões métodos**. Porto Alegre: L&PM-VITAE-AILC, 1997.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2021.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Olhar de Professor, [S. l.], v. 7, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418>. Acesso em: 21 nov. 2023.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CURY, M. Z.; WALTY, I. **Textos sobre textos: um estudo da metalinguagem.** Belo Horizonte: Dimensão, 1999.

DEFINA. **Teoria e Prática de Análise Literária.** São Paulo: Pioneira, 1975.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar as narrativas.** 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** São Paulo: Autêntica, 2017.

GOMES, Nilma. Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013

HOOKS, bell. **Meu crespo é de rainha.** São Paulo. Boitatá, 2018.

KOCH, et al. **INTERTEXTUALIDADE: Diálogos Possíveis.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LUNA, Jairo Nogueira. **Literatura Infantojuvenil.** Universidade de Pernambuco, Núcleo de Educação à Distância II. Recife: UPE/NEAD, 2012. 56 p.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** São Paulo: editora Ática, 2019.

MARCELLI, Mariana de Paula. **Personagens negros na literatura infantil brasileira: relações étnico-raciais.** 2021.

MELO, Ana Maria Lisboa de. A noção de hipertexto e sua contribuição para os estudos literários. *In:* BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva (org). **Literatura comparada: Teoria e prática.** Porto Alegre: Sagra / DC Luzzato, 1996. p. 13-28.

MOBRICE, I.A.S. **Encantamentos e delicias: a criança em contato com a literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na escola.** 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica.** São Paulo: EDUSP, 1998.

OLIVEIRA, Maria Rosa D; PALO, Maria José. **Literatura infantil: voz de criança.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006 (Princípios;86). Disponível em:

<<https://pt.slideshare.net/ArianeMafra/livrosparatodosnetmariajosepaloliteraturainfantilvozdecrianca>>. Acesso em: 8 de nov. de 2023.

PENZANI, Renata. **Livro infantil 'Meu crespo é de rainha' celebra o cabelo afro.** Lunetas. 2018. Disponível em: <https://lunetas.com.br/meu-crespo-e-de-rainha/>. Acesso em: 14 nov. 2023

PORTELA, Girlene Lima. **Da tropicália à marginalia:** o intertexto na produção de Caetano Veloso. Feira de Santana (BA): Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999.

PORTO, A. P. T.; PORTO, L. T. Contação de histórias como estratégias pedagógicas para desenvolvimento da competência discente de ler e interpretar. **Revista de Educação Dom Alberto**, Santa Cruz do Sul, n. 1, v. 1, p. 115-129, jan./jul. 2012. Disponível em: <<https://domalberto.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/08/Conta%C3%A7%C3%A3o-de-hist%C3%B3rias-como-estrat%C3%A9gia-pedag%C3%B3gica-para-desenvolvimento-da-compet%C3%A2ncia-discente-de.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves; ANTUNES, Benedito. **Trança de Histórias:** A criação literária de Ana Maria Machado. 1.ed. São Paulo. Unesp. 2004.

SILVA, M. P. D; BRANCO, A. U. **Negritude e infância:** relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. *In:* Psico. v. 42, n. 2, p. 197-205, abr/jun. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25529821.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

SOUSA, Gabriela Tavares de. **A representatividade negra na literatura infantil:** dentro da sala de aula. *In:* Uberlândia/MG: Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros-COPENE.2018.

SANTOS, Gabriel. O Black é lindo - A estética negra como política. **esquerda online;** 2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2021/04/07/o-black-e-lindo-a-estetica-negra-como-politica/>. Acesso em: 16 de nov. 2023.

SILVA, L. C.; SILVA, K. G. O negro na literatura infanto-juvenil. **Revista Thema**, Pelotas, v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/106>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem Feminina na Literatura Brasileira.** Criciúma, 2055. Monografia disponível em: <http://docplayer.com.br/18923168-Aida-kuri-souza-a-personagem-feminina-na-literatura-brasileira.html>. Acesso em 17 nov. 2023.

XONGANI, Ana Paula. Contracapa. *In bell hooks.* **Meu crespo é de rainha.** 9. ed. São Paulo: Boitatá, 2018.

ZILBERMAN, R. & LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos.** São Paulo: Global, 1993.